INSTITUTO FEDERAL
Rondônia | *Campus* Vilhena

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
ARQUITETURA E URBANISMO-2022/2

LUGARES E NÃO LUGARES

MÁRCIO ANTHONY GARCIA BARRETO

VILHENA/RO
2022



IFRO - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA - CAMPUS VILHENA

LUGARES E NÃO LUGARES: UMA ANÁLISE VOLTADA A PRAÇA 5º BEC EM VILHENA/RO

MÁRCIO ANTHONY GARCIA BARRETO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO AO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA – CAMPUS VILHENA, COMO REQUISITO À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM ARQUITETURA E URBANISMO

ORIENTADOR: RODRIGO BUSS BACK

Vilhena/RO
2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca IFRO – Campus Vilhena

B273l

BARRETO, Márcio Anthony Garcia
Lugares e não lugares : uma análise voltada a praça 5º BEC em Vilhena/RO / Márcio Anthony Garcia Barreto – Vilhena, Rondônia, 2022.

54f. : il.
Orientador : Prof. Me. Rodrigo Buss Back

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO

1. Ambientes urbanos 2. Espaço de intercâmbio 3. Topofília 4. Cultura 5. Esporte I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO II. Título

712.5

Bibliotecária responsável Rosilene Maria do Couto Marques CRB 11/321



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA
Vilhena - Código INEP: 11107804
Rodovia BR 174, KM 3, CEP 76982-270, Vilhena (RO)
CNPJ: 10.817.343/0003-69 - Telefone: 69 2101-0703

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data 30/11/2022 realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulada **LUGARES E NÃO LUGARES: UMA ANÁLISE VOLTADA A PRAÇA 5º BEC EM VILHENA/RO** apresentada pela aluna **Márcio Anthony Garcia Barreto (2018105070033-4)** do Curso **Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo (Vilhena)**. Os trabalhos foram iniciados às **14:00** pelo Professor **Rodrigo Buss Back** presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Rodrigo Buss Back** (Orientador)
- **Fernanda Oliveira** (Examinadora Interna)
- **Lucas Veronese Varanda** (Examinador Externo)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo do Trabalho de Conclusão de Curso, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pelo aluno, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

[X] APROVADO **Nota: 93**

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **Rodrigo Buss Back** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

VILHENA / RO, 30/11/2022

Documento assinado eletronicamente por **Márcio Anthony Garcia Barreto**, Discente, em 03/12/2022, às 20:50, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Buss Back**, Orientador, em 02/12/2022, às 16:00, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Oliveira**, Examinador Interno, em 05/12/2022, às 09:35, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Lucas Veronese Varanda**, Examinador Externo, em 03/12/2022, às 11:53, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu gostaria de agradecer a Deus, por sempre me abençoar e iluminar os caminhos que me trouxeram até aqui.

Agradeço ao Ifro - Campus Vilhena, pela sua seriedade e excelência em nos proporcionar uma educação de qualidade, além de todo o apoio e suporte que é nos ofertado do início ao fim da graduação.

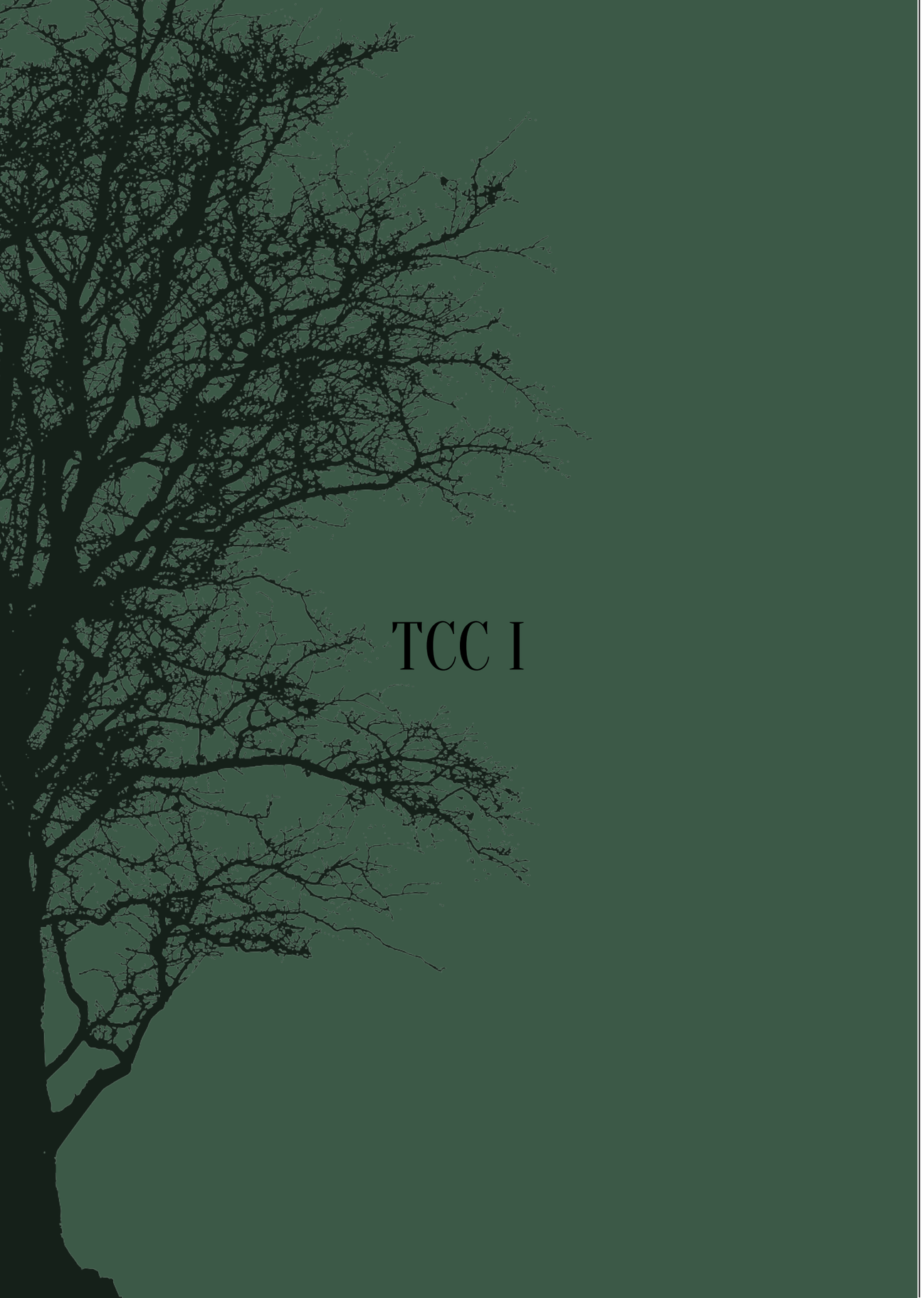
Agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação, por compartilharem todos os seus conhecimentos de forma genuína e em especial ao meu professor orientador Rodrigo Buss Back, por me auxiliar com maestria em todo o processo de construção deste trabalho.

Agradeço e dedico este trabalho aos meus pais Amélia Garcia e João Barreto e ao meu tio Régio Garcia, pois são eles a minha base, meus exemplos de seres humanos a serem seguidos e por me ensinarem o verdadeiro significado de amor. Sou grato aos meus pais por terem dedicado suas vidas a mim, por cumprirem com exímio seus papéis de pais, sempre me incentivando a buscar os meus objetivos, por me apoiarem em todas as decisões da minha vida e por nunca terem soltado a minha mão durante toda a graduação.

Agradeço a minha parceira de trabalhos da faculdade e amiga Francielli Lima, pois sem ela essa jornada teria sido mais difícil.

Agradeço aos meus familiares e amigos que contribuíram em várias fases da minha vida, que colaboraram para que eu conseguisse chegar até aqui, William Shakespeare diz que: "O que importa não é o que você tem na vida, mas quem você tem na vida". E dessa forma quero dizer que este trabalho também é para vocês:

Nadja M. N. Bezerra
Tatiana Soares
Sandra Garcia
Angélica Garcia
Leandra Garcia
Elenice Mendonça
Eliana Lima
Telma Cruz
Francielli Lima
Eduarda Dutra
Mariana Sampaio



RESUMO

A concepção deste artigo teve por objetivo a realização de um estudo baseado nas perspectivas de "lugares" e "não-lugares" de Augé (2012), de modo que os locais podem ser caracterizados como “lugares” por serem capazes de promover as relações, as conexões e o sentimento de pertencimento e os “não-lugares” por não estarem qualificados a estimular esses elos entre os locais com os indivíduos e os indivíduos com seus semelhantes. Assim, através da percepção inicial de que os espaços que a população da cidade de Vilhena/RO vem usufruindo diferem do conceito levantado pelo autor que os encaixam como os “não-lugares”, surgiu a demanda de uma investigação. Dessa forma, para o desenvolvimento da pesquisa utilizou-se de uma metodologia de natureza aplicada, de abordagem qualitativa de cunho exploratório e descritivo, através de pesquisas bibliográficas e documentais, assim como também a utilização dos 12 (doze) parâmetros que determinam um bom espaço público de Jan Gehl e Birgitte Svarre (2018) para analisar a qualidade e a relevância da praça do 5ºBEC. Diante a realização do estudo, compreendeu-se que a praça em questão perdeu a sua característica de "lugar" por não atender a necessidade da população, por conta da sua infraestrutura inadequada, tornando-se em um "não-lugar" perante a perspectiva de AUGÉ (2012).

Palavras–chave: Ambientes Urbanos, Espaço de Intercâmbio, Geografia Humanista, Topofilia, Topofobia.

SUMÁRIO

TCC I

1. INTODUÇÃO ---------- 09
2. REFERENCIAL TEÓRICO
2.1 lugar e não lugar ---------- 10
2.2 Arquitetura dos sentidos ----------11
2.3 0s espaços públicos urbanos ---------12
3. MATERIAIS E MÉTODOS ----------13
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES ---------- 13
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS ----------20
6. REFERÊNCIAS ----------18

TCC 2

1. INTODUÇÃO ---------- 25
2. REFERENCIAL TEÓRICO
2.1 Praças ---------- 26
3. MATERIAIS E MÉTODOS ---------- 27
4. PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃ0
4.1 Sobre a praça ---------- 28
4.2 Sobre o projeto ---------- 30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS ---------- 52
6. REFERÊNCIAS ---------- 53

1.INTRODUÇÃO



A conceitualização de "lugares" e "não-lugares" de maneira geral é compreendida como sinônimo de espaços, locais ou até mesmo ambientes, remetendo a um ponto referencial ou um espaço construído, que de certa forma não está de todo errado, porém, o que os diferenciam são as maneiras como esses locais se comportam, as relações que ali se fazem e os valores que lhe são atribuídos, sendo essas as premissas que o definem o significado de "lugar". Diferentemente dos “lugares”, os "não-lugares" levam essa definição quando um local não possui nenhum valor que lhe é atribuído, sendo apenas um espaço de transição como as vias, e os aeroportos de acordo com Augé (2012).

A importância de haver "lugares" em um contexto urbano é pelo fato da grande potencialidade de transformação que ele é capaz, podendo mudar totalmente a configuração do entorno que ele está inserido, trazendo nele a capacidade de criar ou reviver a identidade, a cultura, e o sentimento de pertencimento das pessoas que ali transitam, transformando a monotonia de um espaço em algo capaz de instigar o fortalecimento de vínculo comunitário.

Desse modo a necessidade deste estudo, surgiu a partir da percepção em relação a população de Vilhena/RO que vem ocupando espaços não apropriados para atividades de lazer, como estacionamento e via de trânsito rápido, ocasionando o desuso das praças da cidade, que é o caso da praça a ser analisada.

Tendo isso em vista, gerou-se a necessidade de analisar a praça que leva o nome em homenagem ao 5º Batalhão de Engenharia e Construção (5º BEC), por ser um espaço onde existem vários fatores capazes de reviver a história e principalmente a cultura da cidade, além de que as praças em si são consideradas "lugares" pela promoção de atividades que nela são possíveis realizar, além da intercambialidade de ideias.

Portanto esta pesquisa tem como intuito analisar quais os fatores que levaram o desuso da praça do 5ºBEC, e quais os motivos que ocasionaram a população a usufruir de espaços de transição para fins de atividades de lazer, com base nas perspectivas de "lugares" e "não-lugares" do antropólogo Marc Augé (2012), de modo a compreender a caracterização desse espaço para que seja possível identificar a forma de como transformar a praça para que possa ganhar o sentido de "lugar", deixando-o de ser apenas um espaço de transição, para um local em que a população possa ocupá-lo da melhor maneira possível, podendo utilizá-lo para fins de recreação, as atividades de lazer, esporte e cultura, trazendo-o de volta a posição de “lugar” proporcionando o fortalecimento do vínculo comunitário e social, assim como também o sentimento de pertencimento, além de sanar a carência da cidade por um ambiente destinado ao lazer.

2.REFERENCIAL TEÓRICO



2.1 LUGAR E NÃO LUGAR

A conceitualização de "lugares" e "não-lugares" de maneira geral é compreendida como sinônimo de espaços, locais ou até mesmo ambientes, remetendo a um ponto referencial ou um espaço construído, que de certa forma não está de todo errado, porém, o que os diferenciam são as maneiras como esses locais se comportam, as relações que ali se fazem e os valores que lhe são atribuídos, sendo essas as premissas que o definem o significado de "lugar". Diferentemente dos “lugares”, os "não-lugares" levam essa definição quando um local não possui nenhum valor que lhe é atribuído, sendo apenas um espaço de transição como as vias, e os aeroportos de acordo com Augé (2012).

A importância de haver "lugares" em um contexto urbano é pelo fato da grande potencialidade de transformação que ele é capaz, podendo mudar totalmente a configuração do entorno que ele está inserido, trazendo nele a capacidade de criar ou reviver a identidade, a cultura, e o sentimento de pertencimento das pessoas que ali transitam, transformando a monotonia de um espaço em algo capaz de instigar o fortalecimento de vínculo comunitário.
Desse modo a necessidade deste estudo, surgiu a partir da percepção em relação a população de Vilhena/RO que vem ocupando espaços não apropriados para atividades de lazer, como estacionamento e via de trânsito rápido, ocasionando o desuso das praças da cidade, que é o caso da praça a ser analisada.

Tendo isso em vista, gerou-se a necessidade de analisar a praça que leva o nome em homenagem ao 5º Batalhão de Engenharia e Construção (5º BEC), por ser um espaço onde existem vários fatores capazes de reviver a história e principalmente a cultura da cidade, além de que as praças em si são consideradas "lugares" pela promoção de atividades que nela são possíveis realizar, além da intercambialidade de ideias.

Portanto esta pesquisa tem como intuito analisar quais os fatores que levaram o desuso da praça do 5ºBEC, e quais os motivos que ocasionaram a população a usufruir de espaços de transição para fins de atividades de lazer, com base nas perspectivas de "lugares" e "não-lugares" do antropólogo Marc Augé (2012), de modo a compreender a caracterização desse espaço para que seja possível identificar a forma de como transformar a praça para que possa ganhar o sentido de "lugar", deixando-o de ser apenas um espaço de transição, para um local em que a população possa ocupá-lo da melhor maneira possível, podendo utilizá-lo para fins de recreação, as atividades de lazer, esporte e cultura, trazendo-o de volta a posição de “lugar” proporcionando o fortalecimento do vínculo comunitário e social, assim como também o sentimento de pertencimento, além de sanar a carência da cidade por um ambiente destinado ao lazer.

De acordo com a perspectiva do etnólogo e antropólogo Marc Augé (2012), define-se como "lugares", todos os locais que possuem a capacidade de promover uma relação identitária com os indivíduos que compõem o espaço. Assim como também os laços que se criam e os relacionamentos que se fazem a partir dessa conexão com o ambiente. Segundo o autor, o conceito de lugares diferem da conceitualização de espaços, pois para ele: “deixa-se um ‘espaço’ de dois metros entre cada mourão de uma cerca, ou a uma grandeza temporal ‘no espaço de uma semana’” (AUGÉ, 2012, p.77).

Ademais, Zevi (2009, p.18) aponta que a característica principal da arquitetura é dada a partir do seu interior (o vazio), onde acontecem as vivências, as relações, e não apenas dos seus elementos construtivos, como a altura, largura e comprimento.

Em consonância a ideia de Augé (2012), a conceitualização de "lugar" pode ser compreendida também através dos princípios da geografia humanista, que busca compreender a valorização e as relações do homem com o meio em que habitam.

A partir disso, segundo o geógrafo Yi-Fu Tuan (1982):

> A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar. (TUAN, 1982).

Para Suertegaray (2005, p.30), apesar de haver diferentes perspectivas em relação a geografia humanista, todo o resultado no geral é o mundo vivido, e mesmo tendo seus princípios bases como os espaços e a paisagem, o lugar é o princípio que está intrinsecamente ligado a esse resultado, sendo assim:

> [...] o espaço é vivido, experienciado. A superfície limitante do espaço experienciado é a paisagem. Finalmente temos o conceito de lugar; este constitui o centro de significados expressando, não só a localização, mas o tipo de experiência com o mundo. [...] O mundo vivido é o mundo dos espaços interrelacionais, ou seja, conectam-se no mundo vivido as dimensões natural, social e cultural. (SUERTEGARAY, 2005).

Diante a isso, o geógrafo canadense Edward Relph (1979, p.41) explicita que, para que um espaço tome a posição de lugar é necessário que nele seja possível promover a intercambialidade de ideias, as relações e o vínculo que ali se cria, para RELPH (1979):

> [...] uma relação profunda com os lugares é tão necessária, e talvez tão inevitável, quanto uma relação próxima com as pessoas; sem tais relações, a existência humana, embora possível, fica desprovida de grande parte de seu significado. (RELPH, 1979, p.41).

Compreende-se por espaço de intercâmbio os lugares que possuem a capacidade de desenvolver as ligações entre as pessoas que ali transitam, segundo o autor Jordi Borja (2006) os espaços de intercâmbios são os espaços que permitem o intercâmbio de ideias, como as lanchonetes, cafés, e restaurantes, ou seja, todos os locais que geram falas e os discursos. Dessa forma Borja (2006) diz que "a cidade, então, é o lugar que se perfila no mundo atual, onde cada vez o melhor urbanismo é aquele que cria espaços de intercâmbio.” (BORJA. 2006).

Desse modo, Tuan (1979, p.387) traz essa abordagem de maneira clara, mostrando que:

> O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (TUAN, 1979, p.387).

Sendo assim, caracteriza-se como lugares todos os "espaços" que neles são capazes de promover as relações, o sentimento de pertencimento, o vínculo com o espaço, a vivência e o intercâmbio.

Dessa forma, todos os espaços que não possuem a capacidade de propiciar essas relações identitárias, de estimular o sentimento de pertencimento e incentivar as relações dos usuários no espaço de intercâmbio, se caracterizam como "nãolugares", Augé (2012) aponta que: "se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar” (AUGÉ, 2012, p. 73).

2.2 ARQUITETURA DOS SENTIDOS

A arquitetura possui um papel muito importante através da sua capacidade de transformar a vida das pessoas, atuando não apenas no ambiente construído como por exemplo, mas na sua capacidade de proporcionar momentos, histórias e experiências que serão vividas nesse lugar, sendo a partir dele onde os usuários criaram suas relações com o ambiente, aliado às sensações despertadas pelo sistema sensorial humano FIRMINO et al. (2021).

Segundo Holl (2007) a arquitetura possui a responsabilidade por estimular todos os sentidos, a partir da sua capacidade de relacioná-las em um espaço. O estímulo e a combinação dos sentidos fazem-se presente no cotidiano das pessoas, às envolvendo de maneira natural ao caminhar, pelo despertar do olfato ao sentir os aromas ou ao ouvir algum som.

De acordo com Crunelle (2001) apud Lourenço (2016) a arquitetura é responsável por instigar conscientemente ou inconscientemente o sentido dos usuários a partir das suas características como a escala, a forma e o estilo, estimulando a percepção do lugar, logo, as sensações despertadas nos indivíduos são as respostas imediatas dos estímulos causados aos órgãos sensoriais, sendo eles, a boca, os olhos, os ouvidos, a pele e o nariz. Ademais a reações físicas também são responsáveis por despertar as reações psicológicas, sendo assim a arquitetura é responsável por instigar e estimular todas as sensações (CRUNELLE, 2001, pg. 5 apud LOURENÇO, 2016, pg. 29).

Para Tuan (1997), a importância dos sentidos perante aos lugares é que: "o que começa como um espaço indiferenciado torna-se um lugar, à medida que o conhecemos melhor e lhe atribuímos valor […] através dos nossos sentidos".(TUAN, 1997, p.6).

Deste modo, Pallasmaa (2011) justifica a necessidade da arquitetura sensorial para a sociedade, mostrando que a partir dela é possível reafirmar a sua identidade social e pessoal, segundo o autor:

> [...] é evidente que uma arquitetura que "intensifique a vida" deva provocar todos os sentidos simultaneamente e fundir nossa imagem de indivíduos com nossa experiência do mundo. A tarefa mental essencial da arquitetura é acomodar e integrar. A arquitetura articula a experiência de se fazer parte do mundo e reforça a nossa sensação de realidade e identidade pessoal; ela não nos faz habitar mundos de mera artificialidade e fantasia. (PALLASMAA, 2011, p.11)

Sendo assim, Pallasmaa (2011) compreende essa necessidade indicando a falta que faz na arquitetura o estímulo de todos os sentidos simultaneamente, o autor aponta que a arquitetura "[...] tem abrigado o intelecto e os olhos, mas tem deixado desabrigados os nossos corpos e demais sentidos, bem como nossa memória, imaginação e sonhos." (PALLASMAA, 2011, p.19)

2.3 OS ESPAÇOS PÚBLICO URBANOS

De acordo com Lopes (2016), os espaços públicos urbanos são essenciais para a composição e a relevância de uma cidade, pois são neles onde manifestam-se a identidade e a cultura de um local.

Para Alex (2011), os espaços públicos são compreendidos por diversas formas, desde as calçadas, as paisagens vistas das janelas, e os locais que são projetados para o dia a dia dos cidadãos, como as praças, as ruas e os parques. De acordo com o autor, a palavra público indica que esses espaços são abertos e acessíveis para todas as pessoas, não havendo exceções.

Lopes (2016) afirma que é implícito aos conceitos de espaços públicos o bemestar coletivo, uma vez que esses espaços são projetados para uma população que é constituída por pessoas de diferentes grupos sociais, e são nesses espaços onde elas se encontram e trocam ideias. Logo, são esses espaços onde convergem a vida urbana e os espaços de cidadania, sendo de suma importância para a qualidade de vida populacional e para a imagem da cidade.

A partir disso Mora (2009) apud Lopes (2016) define que os espaços públicos urbanos são classificados em duas categorias: espaços públicos tradicionais, que são constituídos por praças, parques, ruas e frentes d'água; e os espaços públicos contemporâneos, compostos por espaço público interior e espaço informal. Nas relações apontadas pelo autor, como mostra o quadro a seguir, as praças se enquadram nos espaços tradicionais, possuindo um grande valor histórico e cultural, sendo referência para a cidade, diferentemente os espaços informais, que compõe dos mesmos espaços que os tradicionais, porém estão em condições precárias.

Quadro 1: Tipologia dos espaços públicos

TIPOLOGIA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS			
Categorias	Tipos	Conceitos	Subtipos
Tradicionais	Praças	Testemunho da história e da cultura. Lugar de referência que relaciona diferentes componentes da estrutura urbana.	Central, simbólica - cívica, cooperativa, de mercado, de bairro, praceta
	Parques	Espaço livre destinado para atividades recreativas, lúdicas (desporto). Espaço de descanso, para contato com a natureza e embelezamento do local.	Nacional, metropolitano, central, desportivo, temático, estacionamento, cemitério e local
	Ruas	Lugar fundamental para a mobilidade e estrutura física da cidade. Limita o público do privado e proporciona iluminação e ventilação natural. Lugar de encontro espontâneo.	Avenida, pedonal, caminho, calçada, tráfego restringido
	Frentes de água	Limite costeiro, última rua urbana. Suporte de diversos serviços.	De intercâmbio comercial, industrial, recreativo, proteção.

contemporâneos	Espaço público interior	Limitado por outros edifícios e equipamentos com certos níveis de controle que cumprem funções públicas de acordo com a população.	Átrios, pátios, logradouros, igrejas, teatros, casas culturais, edifícios patrimoniais, centros recreativos e comerciais.
	Espaço público informal	Uso espontâneo de outro espaço por inexistência ou condições precárias do espaço dos espaços tradicionais.	Escadas, corredores, esquinas, ruas, paragens de autocarro, vazios urbanos, sombras de árvores, terrenos baldios, espaços residuais, etc.

Fonte: (MORA, 2009, *apud* LOPES 2016, p.9).

Partindo das análises dos espaços públicos, Lopes (2016) ressalta que quando não é dado os devidos cuidados a esses locais ou até mesmo o estabelecimento de parâmetros para a reativação do espaço, efeitos negativos começam a surgir, como a diminuição atrativa desses ambientes, a perda identitária e a apropriação por parte da população, a falta de manutenção e a discriminação territorial partindo de questões como a acessibilidade, a economia social e cultural.

Por fim, o autor sugere que para determinar a criação de um bom espaço público é necessário relacioná-los com quem os utilizam, em especial as mulheres, as crianças e os idosos. Dessa forma o autor sugere também que o espaço público necessita ser: "ativo, vital, útil, especial e sustentável" (LOPES, 2016, p.42). Estes aspectos farão com que as pessoas se sintam bem ao realizar uma determinada tarefa e que o espaço apresenta diversas possibilidades.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa baseou-se em uma metodologia de natureza aplicada, buscando analisar e identificar o motivo que levou o desuso da praça do 5ºBEC, a partir dos parâmetros que definem um bom espaço público de Gehl e Svarre (2018), assim como também a caracterização do local partindo dos conceitos de Augé (2012). A abordagem desta metodologia é de cunho exploratório e descritivo, baseado na revisão do autor (GIL, 2022).

O desenvolvimento metodológico partiu da revisão bibliográfica de livros, artigos e dissertações, por meio físico e digital, para a fundamentação do estudo dos conceitos de lugares e não lugares (AUGÉ, 2012), aliado aos conceitos da geografia humanista, do espaço de intercâmbio, da arquitetura dos sentidos e dos espaços públicos urbanos, a fim de caracterizar a praça em questão.

.

Para os diagnósticos da área de estudo, fez-se necessário analisar também espaços como o estacionamento de uma loja comercial da cidade de Vilhena e a estrada para o aeroporto do mesmo município, por serem locais onde a população os utilizam para fins de lazer, ao invés dos locais destinados a esse tipo de atividade, como as praças. Esse diagnóstico foi realizado em dois dias da semana, sábado e domingo, na qual são os dias de maior utilização para lazer.

Essas análises foram feitas através de mapas e imagens via satélite, utilizando ferramentas virtuais, sendo ela o Google Earth e o Google Maps, em conjunto ao método de observação in loco com registros fotográficos.

Por fim, foi fundamental realizar o levantamento histórico de como era a utilização das praças do 5ºBEC. Pesquisas foram feitas em grupos de redes sociais, como por exemplo o grupo Memória Vilhenense na rede social Facebook, onde os moradores publicam fotos e relatos do processo de desenvolvimento do município, assim como também o site da prefeitura municipal de Vilhena, que disponibiliza uma história da cidade

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para analisar e diagnosticar quais foram os motivos que levaram ao desuso da praça do 5º BEC, fez-se necessário realizar um levantamento histórico de como era a utilização das praças ao decorrer do processo de evolução da cidade, até o momento atual.

Vilhena teve sua história iniciada por volta do ano de 1910 (mil novecentos e dez) com a passagem da expedição do tenente coronel Marechal Cândido Rondon, na qual houve a instalação do posto telegráfico (hoje o museu da cidade) que tinha por objetivo ligar a cidade de Cuiabá/MT a Porto Velho/RO. Em meados de 1960 instalou-se na cidade o 5º (quinto) batalhão de engenharia e construção, que era responsável pela conservação das estradas e abertura dos traçados urbanos da cidade

De acordo com informações retiradas do grupo Memória Vilhenense que pertence à rede social Facebook, no ano de 1983 (mil novecentos e oitenta e três) aconteceu a inauguração da primeira praça da cidade, a praça Nossa Senhora Auxiliadora, hoje intitulada como praça Pe. Ângelo Spadari, em homenagem ao primeiro Padre da cidade, e a inauguração foi um grande evento festivo em Vilhena.

As praças da cidade eram consideradas como o maior entretenimento dos vilhenenses, principalmente aos finais de semana, onde reuniam-se grande parte da população para encontrar seus amigos e familiares. Os pais levavam as crianças para brincar, além dos comércios que nelas existiam, sendo eles um dos pontos fortes para a atração das pessoas, por conta da venda de comidas e bebidas.

A grande utilização desses lugares perdurou até meados de 2010, onde o Ministério Público (2010) proibiu a venda de bebidas alcoólicas em locais próximos a igrejas, escolas e unidades de saúde, levando à redução de clientes e por fim, gerando o fechamento dos comércios que ali estavam.

Sendo então um dos fatores que iniciou a diminuição do fluxo de pessoas nas praças, chegando até o momento atual, onde a grande maioria está em claro desuso. As praças tornaram-se apenas espaços de transição, caracterizando-se como "nãolugares" com base em Augé (2012), e encontram-se em situações precárias.

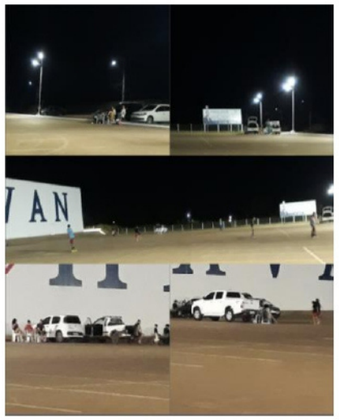
Para compreender melhor essa situação, fez-se necessário contatar a Prefeitura de Vilhena, para averiguar quais os possíveis motivos de esses espaços estarem nessas condições. De acordo com informações obtidas pelo órgão público em questão, as praças de Vilhena, estão sob responsabilidade da Secretaria Municipal do Esporte (SEMES), onde são eles os responsáveis por verificar as necessidades de reparo do espaço e repassar essas informações para a Secretaria de Municipal de Obras (SEMOSP), para que seja feito o reparo.

Após buscar os parâmetros que asseguram a integridade e as necessidades desses espaços públicos de lazer, viu-se que é inexistente as recomendações e exigências sobre praças, não havendo parâmetros na legislação, no código de obras e nas leis de uso do solo, o que contribui para que esses locais estejam nessas condições atuais

A relevância que as praças possuíam até meados de 2010, passou para locais onde não são projetados para atividades de lazer, por se tratar de estacionamentos e vias de trânsito rápido, onde o fluxo de automóveis pode colocar em risco a vida das pessoas que ali estão, ou seja "não-lugares". Para a fundamentação deste ponto, apresentou-se a necessidade de utilizar o método de observação in loco para compreender a forma como a população vem utilizando esses espaços.

A pesquisa ocorreu em 2 (dois) dias da semana, no sábado e no domingo, na qual são os dias em de maior utilização nesses locais. O primeiro a ser analisado foi o estacionamento de um grande empreendimento da cidade: nota-se que os cidadãos vão ao espaço para tomar tereré, e levar seus filhos para andar de patins e bicicleta, como pode-se ver na Figura a seguir:

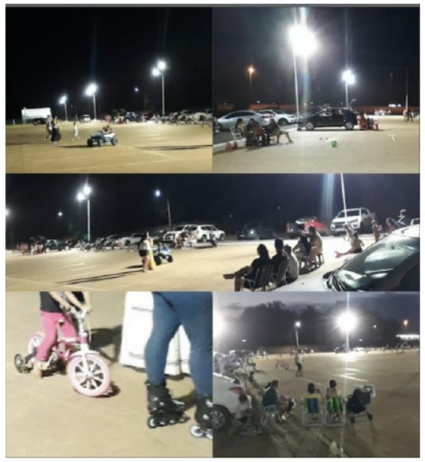
Figura 1: Registo do estacionamento no dia 14/05/22 às 18:30.



Fonte: Autor (2022).

A utilização do estacionamento comportou-se da mesma maneira no dia seguinte, contudo, com um maior fluxo de pessoas, porém com a mesma finalidade, como mostra a Figura abaixo:

Figura 2: Registo do estacionamento no dia 15/05/22 às 18:30.



Fonte: Autor (2022).

Dessa mesma forma, registrou-se também a utilização da via que liga a BR174 ao aeroporto de Vilhena, sendo ela uma via de trânsito rápido, e um local onde há vários registros de encontro de animais peçonhentos que ali circundam de acordo com o jornal eletrônico Vilhena Notícias (2021), e nem por isso as pessoas deixam de utilizá-lo, como pode-se observar na Figura a seguir:

Figura 3: Registo da via que liga a BR-174 ao aeroporto no dia 04/06/22 das 16:30 às 17:00.



Fonte: Autor (2022).

Observa-se que a utilização deste ambiente tem os mesmos fins recreativos registrados no estacionamento mostrado anteriormente: até mesmo em relação a quantidade dos frequentadores de sábado para domingo, apresentando maior número de pessoas no segundo dia, como apresenta a Figura abaixo:

Figura 4: Registo da via que liga a BR-174 ao aeroporto no dia 05/06/22 às 17:30.



Fonte: Autor (2022)

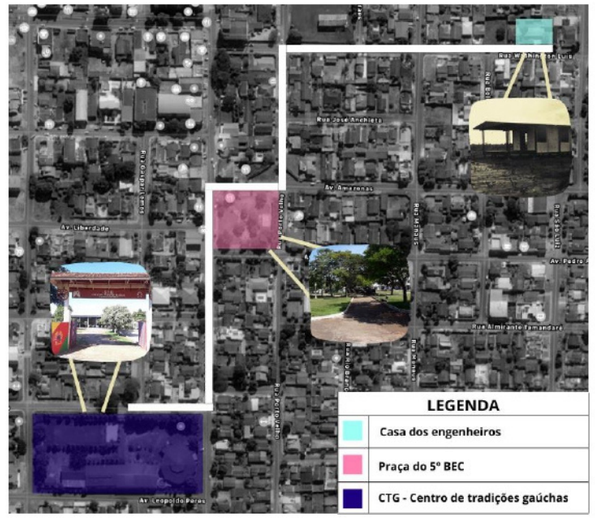
Isto posto, encontrou-se a necessidade de escolher um dos ambientes urbanos voltados ao lazer como objeto de estudo, para analisar mais a fundo a forma como esse espaço se comporta a fim de encontrar o motivo dele ter se tornado um "não-lugar", levando as pessoas a escolherem locais sem finalidades de lazer e que oferecem riscos a elas, para isso, teve como escolha a praça do 5° BEC, localizada na Av. Pedro Álvares Cabral, centro do município de Vilhena, como mostra a figura a seguir:

Isto posto, encontrou-se a necessidade de escolher um dos ambientes urbanos voltados ao lazer como objeto de estudo, para analisar mais a fundo a forma como esse espaço se comporta a fim de encontrar o motivo dele ter se tornado um "não-lugar", levando as pessoas a escolherem locais sem finalidades de lazer e que oferecem riscos a elas, para isso, teve como escolha a praça do 5° BEC, localizada na Av. Pedro Álvares Cabral, centro do município de Vilhena.

O motivo que levou a escolha deste local como área de estudo, é dado pelo contexto histórico que na qual a praça está inserida, que trazem potencialidades para a abordagem de questões culturais, que podem ser traduzidas em uma unificação projetual central. O bairro 5º BEC é um dos bairros mais antigos da cidade, seu nome foi dado em homenagem ao 5º (quinto) batalhão de engenharia e construção que se instalou nesse bairro na década de 1960.

Os pontos históricos citados anteriormente trata-se da casa dos engenheiros do 5ºBEC, e do centro de tradições gaúchas (CTG), como mostra a figura a seguir:

Figura 5: Contextualização da praça e dos pontos históricos e culturais.



Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor, 2022).

Dado a escolha do local, a análise parte do princípio de identificar o que leva os vilhenenses a utilizar dos espaços analisados anteriormente, ao invés de um lugar com tantas potencialidades. Para isso foram feitas também a realização dos estudos através do método de observação. Esta análise foi feita no mesmo dia que a análise do estacionamento do empreendimento. Portanto pode-se observar a diferença na relação dos usos entre os locais, como registra as Figuras seguintes:

Figura 6: Registo do estacionamento no dia 14/05/22 às 18:45.



Fonte: Autor (2022)

Figura 7: Registo do estacionamento no dia 15/05/22 às 18:45.



Fonte: Autor (2022)

Para entender essa inutilização do ambiente foi importante determinar a qualidade da praça do 5ºBEC, e para isso, fez-se necessário a utilização de parâmetros de análises para a realização do diagnóstico. Dessa forma, foram utilizados como base os 12 (doze) critérios para determinar um bom espaço público de Jan Gehl e Birgitte Svarre (2018), que de acordo com o autor, os 12 (doze) parâmetros consiste em: proteção contra o tráfego, segurança nos espaços públicos. proteção contra experiências sensoriais desagradáveis, espaços para caminhar, espaços de permanência, ter onde se sentar, possibilidade de observar, oportunidade de conversar, locais para se exercitar, escala humana, possibilidade de aproveitar o clima e boa experiência sensorial (GEHL; SVARRE, 2018).

O primeiro critério que trata sobre a proteção contra o tráfego, tem por objetivo garantir a segurança dos pedestres, a fim de evitar que ocorram acidentes (GEHL; SVARRE, 2018). Contudo, ao analisar a praça em questão, identificou-se que ela não traz segurança para as pessoas perante ao tráfego, principalmente quando se trata dos acessos, nos quatro cantos do local apenas um possui faixa de pedestre, entretanto a sua pintura está bem apagada e nenhuma das vias possuem medida de redução de velocidade, como mostra a Figura 6, a praça está circundada entre três vias coletoras e uma via local, ou seja, o fluxo de veículos ao redor da praça é constante causando insegurança na travessia para acessar a praça.

O segundo parâmetro aborda a segurança nos espaços públicos, esse critério está relacionado a circulação de pessoas, a iluminação e a vida dos espaços durante o dia e de noite (GEHL; SVARRE, 2018). Todavia, pode-se observar nas Figuras 7 e 8, que a iluminação e a vida da praça durante a noite são fatores que necessitam de mudanças, pois a iluminação no geral já é de baixa iluminância, porém em seu interior é ainda mais baixo, o que causa o sentimento de medo e vulnerabilidade. Logo, a utilização da praça durante a noite é extremamente baixa, não sendo muito diferente do dia, que o espaço se comporta apenas como um espaço de transição, como mostra a imagem a seguir:

Figura 8: Registo da praça do 5º BEC no dia 04/06/22 às 10:50.



Fonte: Autor (2022)

O terceiro parâmetro diz a respeito da proteção contra experiências sensoriais desagradáveis, sendo elas a possibilidade de proteção contra sol, chuvas e ventos (GEHL; SVARRE, 2018). Pode-se observar na Figura anterior que a praça possui uma baixa densidade de vegetação, e elas estão dispostas em pontos onde não favorecem a proteção contra chuvas e ventos, já em relação ao sol, é possível conseguir refúgio em uma sombra, porém apenas em pé não havendo mobiliário para sentar.

O quarto parâmetro aborda os espaços para caminhar no espaço público, questionando a acessibilidade, a ausência de obstáculos e a regularidade das superfícies (GHEL; SVARRE, 2018). Os espaços caminháveis da praça estão totalmente inacessíveis para pessoas que possuem mobilidade reduzida, ou deficiência física, pois os caminhos possuem aclives e declives por conta da paginação deteriorada, como mostra a Figura a seguir:

Figura 9:



Fonte: Autor (2022)

O quinto parâmetro diz a respeito dos espaços de permanência, na qual sejam agradáveis e possibilita observar a paisagem (GEHL; SVARRE, 2018). Como podese analisar na Figura 9, a praça possui a possibilidade de permanência, porém, apenas no final da tarde, pois os mobiliários que lá estão dispostos, estão totalmente expostos ao sol, impossibilitando a permanência em períodos de maior incidência solar.

O sexto parâmetro questiona se o espaço dispõe de locais para se sentar (GEHL; SVARRE, 2018). Averiguando o local encontrou num total de vinte e dois bancos, sendo dezoito de concreto, três da academia ao ar livre e um ponto de ônibus, no entanto os bancos de concreto estão em sua maioria com partes deterioradas, e um deles totalmente quebrado, além de que é impossível a utilização da maioria dos bancos em dias de alta incidência solar, pois estão dispostos em locais sem nenhum tipo de cobertura, da mesma forma com os canteiros, que pode utilizá-los para sentar, mas apenas após o sol se pôr.

De acordo com Gehl e Svarre (2018) o sétimo parâmetro trata sobre a possibilidade que o espaço oferece para observar. Trazendo esse ponto para praça identifica-se que as possibilidades de observação que a praça oferece, são as fachadas comerciais não atrativas, que compõem o entorno e já em seu interior possui além das árvores, possui um marco histórico disposto ao centro da praça, que é a patrola que ajudou na construção da cidade, porém esse patrimônio material, está depredado como mostra a Figura abaixo:

Figura 10:



Fonte: Autor (2022)

O oitavo parâmetro de Gehl e Svarre (2018) consiste na possibilidade de ouvir e conversar, tendo como critério baixo nível de ruído e mobiliários que convide a interação entre as pessoas. Perante esse quesito, a praça possibilita ouvir e conversar em distância próxima, por conta do ruído gerado pelo grande fluxo de automóveis, o único mobiliário que possibilita a interação entres as pessoas é a academia ao ar livre representada na Figura seguinte:

Figura 11:



Fonte: Autor (2022)

O nono parâmetro segundo Gehl e Svarre (2018) tem a finalidade de certificar que o espaço público urbano possua locais para se exercitar, contendo uma infraestrutura e equipamentos que promovam a prática de esportes durante o dia e a noite. Observa-se então que a praça em análise possui apenas a academia ao ar livre como mostra a Figura acima, porém o local permite a sua utilização em horários de baixa incidência solar, o local conta também com um parquinho infantil, contudo o local em que ele está inserido possui irregularidades, causando risco as crianças, como apresenta a Figura a seguir:

Figura 12:



Fonte: Autor (2022)

O espaço não possui uma infraestrutura que possibilite a prática de esporte como caminhada, andar de patins e bicicleta, por conta da paginação danificada, como mostra a Figura 10 no quarto parâmetro.

O décimo parâmetro consiste na escala humana, onde o projeto esteja na perspectiva dos olhos das pessoas (GEHL; SVARRE, 2018). Esse é o único parâmetro que a praça atende corretamente

Já o décimo primeiro parâmetro abrange a possibilidade de aproveitar o clima, durante todas as estações do ano, segundo Gehl e Svarre (2018). Nesse quesito a utilização da praça durante o dia em épocas como o verão e em dias de alta insolação, não é favorável pois a praça no geral possui muita incidência solar.

E por fim o décimo segundo parâmetro, que o autor avalia as boas experiências sensoriais do espaço público, onde deve-se encontrar vegetações, fontes ou espelhos d'água e mobiliários urbanos feitos com bons materiais e acabamentos de qualidade (GEHL; SVARRE, 2018). Ao analisar a praça percebe-se que diante a esse o único ponto que possa ser considerado é o encontro de vegetação no local, como às árvores e as gramas, já os mobiliários existentes não se enquadram nesse quesito por estarem desgastados e/ou deteriorados.

Diante as análises acima, utilizou-se dos resultados para gerar uma tabela que represente de forma avaliativa os resultados da análise baseados nos critérios de Jan Gehl e Birgitte Svarre (2018), avaliando-os na escala de 1 (um) a 5 (cinco), como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1:

CRITÉRIOS PARA DETERMINAR UM BOM ESPAÇO PÚBLICO (GEHL; SVARRE, 2018)					
ANÁLISE (PRAÇA 5º BEC)	1	2	3	4	5
1. Proteção contra o tráfego	■				
2. Segurança nos espaços públicos	■				
3. Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis		■			
4.Espaços para caminhar	■				
5. Espaços de permanência		■			
6. Ter onde sentar		■			
7. Possibilidade de observar			■		
8. Oportunidade de conversar			■		
9. Locais para se exercitar		■			
10. Escala humana					■
11. Possibilidade de aproveitar o clima		■			
12. Boa experiência sensorial		■			

Fonte: Autor (2022)

Diante aos dados apresentados, obteve-se os resultados das análises apontando que a praça do 5º BEC, não atende a 50% (cinquenta por cento) em 9 (nove) dos 12 (doze) parâmetros que determinam um bom espaço público de Jan Gehl (2018), resultando na compreensão dos motivos que ocasionam o desuso do espaço, como mostra o gráfico de análise na Figura a seguir:

Figura 13:

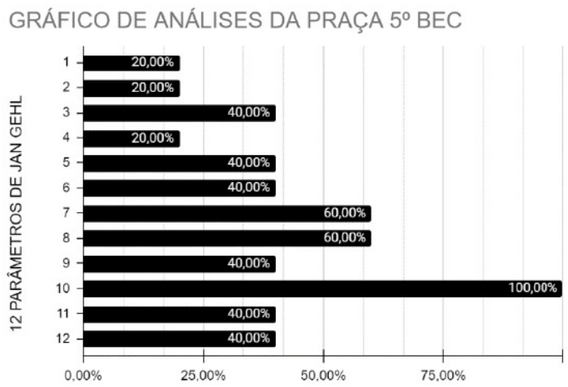
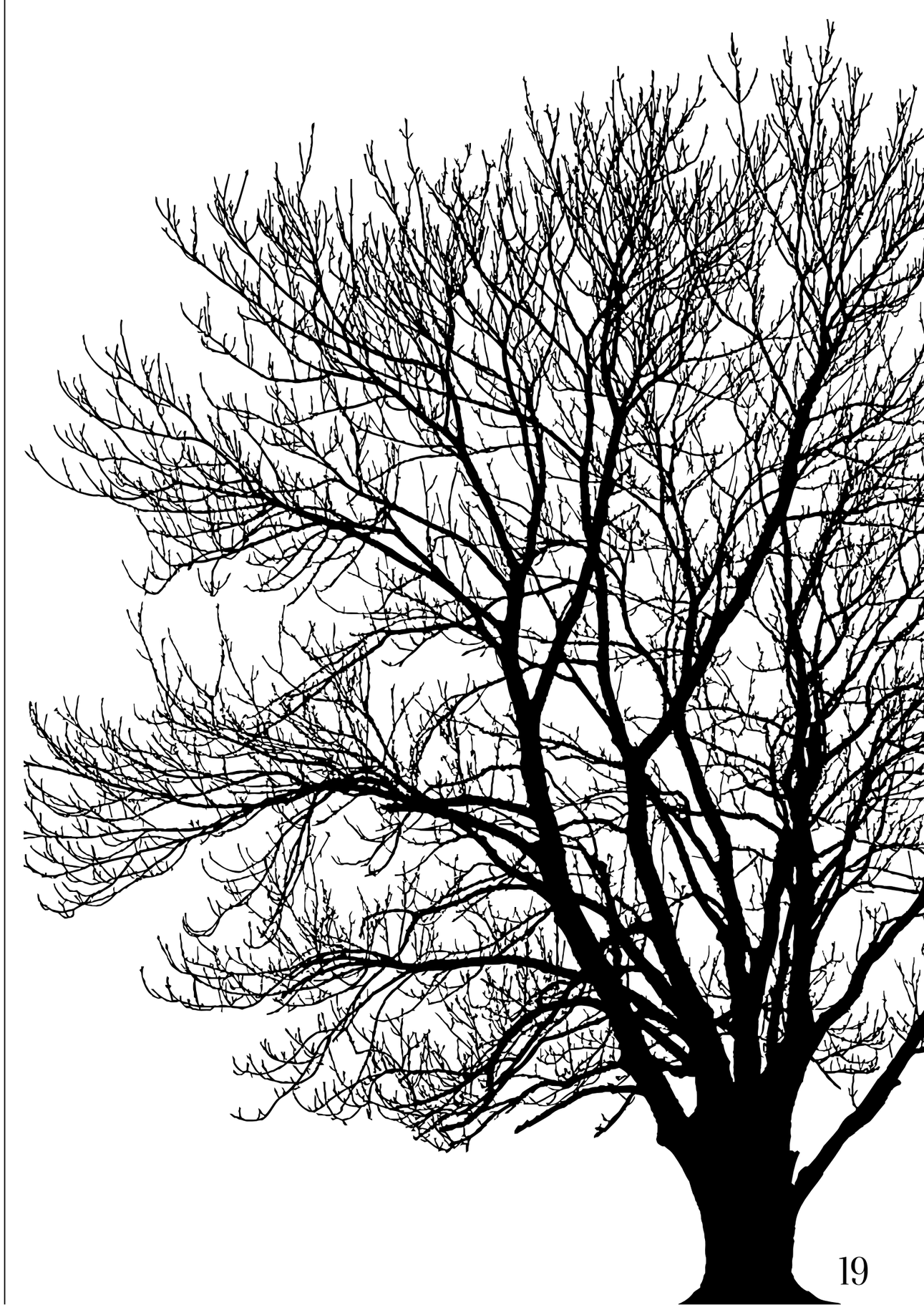


Figura: Autor (2022)

Logo pode-se observar então que a praça atende apenas a um único critério em 100% (cem por cento), numa escala de 1 (um) a 5 (cinco), sendo ela critério de escala humana.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises dos conceitos de "lugares" e "não-lugares", de modo a compreender a sua importância no contexto urbano, viu-se a necessidade de analisar a morfologia e a paisagem da praça do 5º BEC, comparando-a aos espaços caracterizados como os "não-lugares", para entender o motivo que levou a população vilhenense a utilizar desses espaços ao invés da praça, que de modo geral as praças possuem o significado de "lugares", porém hoje a praça do 5º BEC se encontra em desuso, servindo apenas como um espaço de transição.

De acordo com os resultados das análises dessa pesquisa, constatou-se que o município de Vilhena, não possui parâmetros que abrangem as praças da cidade, como o código de obras, e a legislação, que garanta a sua integridade e seus usos, aliado a isso, viu-se que as praças estão por responsabilidade da Secretaria Municipal do Esporte, não sendo ela o órgão adequado a cuidar desses espaços públicos, o que contribui com a situação inadequada que as praças se encontram, como é o caso da praça do 5º BEC.

Desse modo, fez-se necessário utilizar de parâmetros que definem um bom espaço público, para diagnosticar mais a fundo o real motivo do desuso. Logo o resultado desse diagnóstico, compreende que a praça do 5º BEC, hoje é definida como um "não-lugar" de acordo com a perspectiva de Augé (2012), pois hoje ela não atende 9 (nove) dos12 (doze) parâmetros de análise baseados em Gehl e Svarre (2018), o que não a caracteriza como um bom espaço público de lazer, o que leva as pessoas a utilizarem de outros espaços inapropriados para atividades de lazer.

Portanto, diante ao conjunto de análises acredita-se na necessidade da criação de leis e recomendações que abrangem as praças, a fim de garantir a sua integridade. Ademais acredita-se também na necessidade de um projeto de revitalização da praça do 5ºBEC, que será realizado na continuação da próxima etapa desse trabalho de conclusão de curso, projeto esse que atenda aos 12 (doze) parâmetros que determinam um bom espaço público, associado aos conceitos da arquitetura dos sentidos, que dessa forma, será possível devolver a praça o seu sentido de "lugar", proporcionando a população o fortalecimento do vínculo comunitário e social, assim como também o sentimento de pertencimento, além de sanar a carência da cidade por um ambiente destinado ao lazer.

REFERÊNCIAS

ALEX, Sun. Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público. 2. ed.São Paulo: Senac São Paulo, 2011. 292 p.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9 ed. Campinas: Papirus, 2012. 112 p.

BANDEIRA, Juliane. MP apura emissão de alvará para ocupação de praça em Vilhena. Jusbrasil, 2010. Disponível em: https://mpro.jusbrasil.com.br/noticias/2407944/mp-apura-emissao-de-alvara-para-ocupacaode-praca-em-vilhena/amp. Acesso em: 22 maio 2022.

BORJA, Jordi. Espaço público, condição da cidade democrática: a criação de um lugar de intercâmbio. Arquitextos, 2006. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.072/353. Acesso em: 02 março 2022.

FIRMINO, Andrey Vieira. et al. Arquitetura dos sentidos no espaço urbano: diretrizes para requalificação da praça Assis Braz em São José de Piranhas - PB. Jornada integrada da faculdade Santa Maria. Cajazeiras, v.01, p. 51-56. DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.403. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=x3ZJEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT51&dq=arquitetura+dos+sentidos+em+espa%C3%A7o+p%C3%BAblico&ots=XcQfB86Ht_&sig=XWizwiJub26btS1gkGoUcRI4nM&redir_esc=y#v=onepage&q=arquitetura%20dos%20sentidos%20em%20&f=false. Acesso em: 05 jun 2022.

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. A vida na cidade: como estudar. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018. 184 p.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 7.ed. Barueri: Atlas, 2022.

LOPES, Leticia Maria Duarte. Requalificação do espaço público: Critérios para a avaliação da qualidade do espaço público. 2016. 126 p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo sustentável e Ordenamento do território) - Faculdade de ciências sociais e humanas de Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: https://run.unl.pt/handle/10362/19733. Acesso em: 01 jun. 2022.

LOURENÇO, Maria Marta Fernandes. Arquitectura Sensorial: O tacto para a fruição do espaço arquitectónico. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/36951 . Acesso em: 14 jun. 2022

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos. Porto Alegre, Bookman, 2011. 76 p.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Notas sobre Epistemologia da Geografia. Cadernos Geográficos/Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências. n°12, Florianópolis: Imprensa Universitária, 2005. Disponível em: https://cadernosgeograficos.paginas.ufsc.br/files/2016/02/CadernosGeogr%C3%A1ficos-UFSC-N%C2%BA-12-Notas-sobre-a-Espistemologia-daGeografia.-Maio-de-2005.pdf. Acesso em: 12 maio. 2022

RELPH, Edward. Place and placelessness. London: Pion, 1976.

TUAN, Yi-Fu. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S. OLSSON, G. (orgs.). Philosophy in Geography. Dordrecht: Reidel, 1979, p. 387-427.

TUAN, Yi Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

_____. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

ZEVI, Bruno. Saber Ver a Arquitetura. 6ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

Vídeo: Biólogo encontra serpente adulta na pista do aeroporto de Vilhena e alerta população. Vilhena Notícias, Vilhena, 11 jun. 2021. Disponível em: https://www.vilhenanoticias.com.br/destaques/video-biologo-encontra-serpenteadulta-na-pista-do-aeroporto-de-vilhena-e-alerta-populacao/. Acesso em: 01 jun 2022.



IFRO - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA - CAMPUS VILHENA

LUGARES E NÃO LUGARES: PROJETO CONCEITUAL DE REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA 5º BEC EM VILHENA/RO

MÁRCIO ANTHONY GARCIA BARRETO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO AO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA – CAMPUS VILHENA, COMO REQUISITO À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM ARQUITETURA E URBANISMO

ORIENTADOR: RODRIGO BUSS BACK

Vilhena/RO
2022

TCC II



RESUMO

Com a elaboração do artigo Lugares e não lugares: uma análise voltada a praça 5° BEC em Vilhena/RO, através de pesquisas e análises obteve-se o diagnóstico dos motivos pela qual a praça se encontra no estado atual de insalubridade e utilizada apenas como um espaço de transição, caracterizando-se como um “não-lugar” de acordo com Augé (2012), além de não atender a nove de doze critérios que determinam um bom espaço público de Gehl e Svarre (2018). Dessa forma surgiu então a necessidade de continuidade da pesquisa, culminando em uma ideação de uma proposta conceitual de revitalização da praça 5° BEC, utilizando de todo o embasamento teórico da primeira pesquisa, aliando-a com o conceito de praças levantado nesta segunda etapa. Sendo assim, para a continuidade da pesquisa utilizou-se de uma metodologia de natureza aplicada, de abordagem qualitativa de cunho exploratório e descritivo, através de pesquisas bibliográficas e documentais, assim como também a utilização dos 12 (doze) parâmetros que determinam um bom espaço público de Jan Gehl e Birgitte Svarre (2018) para reavaliar a qualidade e a relevância da praça do 5ºBEC a partir proposta de revitalização, que obteve êxito em todos os critérios de análises, conseguindo devolver a praça 5° BEC a sua posição de “lugar” defendido por Augé (2012).

Palavras-chave: Ambientes Urbanos, Espaço de Intercâmbio, Topofilia, Cultura, Esporte.

1. INTRODUÇÃO

Elaborar uma proposta de intervenção é o ponto chave de quando se trata de constatações feitas através de estudos, levantamentos, parâmetros e análises, ao ponto de identificar qual o objetivo do objeto de estudo e como ele se comporta perante as pesquisas, com o intuito de verificar se ele atende ou não ao seu propósito, e quais os pontos que podem ser melhorados.

A partir da construção do TCC I (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado como Lugares e não lugares: Uma análise voltada a praça 5° BEC em Vilhena/RO, constatou-se a ineficiência da praça do 5° BEC perante a sua finalidade como um espaço de lazer, cultura, esporte e comércio, na qual são atividades exercidas dentro de uma praça pública.

Para qualificar o atual estado do espaço público em questão, utilizou-se de parâmetros de análises como os 12 critérios para determinar um bom espaço público de Jan Gehl e Birgitte Svarre (2018) e lugares e não lugares de Marc Augé (2012), assim como também os métodos de observação *in loco* e o estudo dos conceitos da geografia humanista de Yi-Fu Tuan, a arquitetura dos sentidos de Juhani Pallasmaa, os espaços públicos de Leticia Lopes e entre outros autores. Logo, ao aplicar as diretrizes de investigação, obteve-se como resultados a comprovação de que a praça 5° BEC não exerce a sua devida função, não atendendo as necessidades da população vilhenense, que carece de um digno espaço de múltiplas atividades traduzidas em um só lugar.

Das comprovações resultantes dos estudos, viu-se que a praça hoje se encontra em estado insalubre, colocando em risco a integridade física das pessoas que por ali transitam, pois sua paginação está depredada, possuindo aclives e declives, mobiliários deteriorados, com partes que podem ferir quem utilizá-los, assim como também a iluminação precária, inviabilizando a sua utilização em períodos noturnos, causando sentimento de vulnerabilidade e insegurança.

Dessa forma, fez-se necessário a elaboração de uma proposta de revitalização da praça 5°BEC, que tem por objetivo trazer como conceito o avivamento do espaço, a fim de o requalificar e tornar mais vivo a pluralidade de funções, embasadas em todos os pontos utilizados para análise, com o intuito de criar um ambiente capaz de atender a todas as pessoas, e devolver à cidade um espaço de lazer, cultura, esporte e comércio, fomentando o fortalecimento de vínculo comunitário e social, e devolver não só o sentimento de pertencimento da população para com o local, mas também devolver a praça a sua posição de “lugar” baseado em Augé (2012).

2. REFERENCIAL TEÓRICO



2.1 PRAÇAS

De acordo com Mora (2009) apud Lopes (2016), existem diversas tipologias de praças, que são caracterizadas como praças centrais, praças simbólicas, praças cívicas, cooperativa, praça de mercado, praça de bairro e pracetas, e são consideradas como espaços tradicionais dentro de um contexto urbano, pois são elas os testemunhos da história e da cultura da cidade, assim como também o ponto de referência que interliga diferentes elementos da estrutura urbana.

Desse modo, Zucker (1959) *apud* Robba e Macedo (2003) aborda que dentro de uma contextualização histórica, as praças nas cidades medievais possuíam cinco classificações, sendo elas:

> [1] praças de mercado – onde acontecia toda a atividade comercial da cidade, normalmente estabelecida em lugar de grande movimento, às vezes na própria rua principal ou em alargamentos adjacentes a ela; [2] praças no portal da cidade – em geral praças triangulares, de onde partiam duas ou três ruas para o centro. Eram áreas de passagem e distribuição de tráfego; [3] praças como centro da cidade – praças implantadas no centro do povoado, em comunidades novas; [4] adros de igrejas (parvis) – espaços em frente às igrejas, onde os fiéis se reuniam para as atividades religiosas, procissões, missas ao ar livre, e onde ficavam os cristãos-novos, que não podiam entrar na igreja; [5] praças agrupadas – pequenos espaços de conexão entre praças de mercados e adros de igrejas. (ZUCKER, 1959 apud ROBBA; MACEDO, 2003, p.21)

Apesar da semelhança da configuração das praças das cidades medievais da Europa comparadas as praças das cidades coloniais do Brasil, havia uma diferença no uso e na apropriação dos espaços, pois na praça colonial podia-se encontrar diversos usos ao mesmo tempo, que de acordo com Marx (1980) apud Robba e Macedo (2003):

> Os templos, seculares ou regulares, raramente eram sobrepujados em importância por qualquer outro edifício, nas freguesias ou nas maiores vilas. Congregavam os fiéis, e os seus adros reuniam em torno de si as casas, as vendas e quando não o paço da câmara. Largos, pátios, rocios e terreiros, ostentando o nome do santo que consagrava a igreja, garantiam uma área mais generosa à sua frente e um espaço mais condizente com o seu frontispício. Serviam ao acesso mais fácil dos membros da comunidade, à saída e ao retorno das procissões, à representação dos autos-da-fé. E, pelo seu destaque e proporção, atendiam a atividades mundanas, como as de recreio, de mercado, de caráter político e militar. (MARX 1980 apud ROBBA; MACEDO, 2003. p. 22).

E é a partir dessa pluralidade de usos que mostra a importância das praças na contextualização urbana no quesito territorial e social.

Para Robba e Macedo (2003), a definição de praça abrange várias tipologias que apresentam uma diversidade morfológica, contudo, os seus conceitos e objetivos possuem o mesmo caráter funcional, que baseado numa ideia comum entre autores são espaços de interações, manifestações e convivências dos cidadãos.

Segundo os autores, os ambientes públicos e livres são responsáveis por contribuir na consolidação das relações sociais e na formação identitária urbana, tornando-as de imensurável valor para a história da cidade, dentre esses espaços destacam-se as praças públicas pelo seu valor histórico como lugar de interação e lazer, responsável por promover a cultura, o comércio e as manifestações festivas e políticas que acontecem em todas as cidades (ROBBA; MACEDO, 2003).

No Brasil, o tipo mais comum de praças são as praças ajardinadas, que de acordo com Queiroga (2001) as praças ajardinadas podem ser definidas como um lugar que recebe um tratamento de vegetação e arborização, porém ainda sim é implementado áreas de piso que permite às atividades típicas de uma praça, como a interação entre as pessoas e as manifestações. De acordo com o autor, o Brasil é o país em que mais se encontram praças ajardinadas, por conta do clima tropical que favorece o uso de vegetação, pois em um país quente a presença de árvores beneficia a utilização das praças (QUEIROGA, 2001)

Dessa forma, Robba e Macedo (2003) aponta que o surgimento das praças ajardinadas mudam a função de uma praça no contexto urbano, e por isso ela se torna um marco na história da paisagem urbana brasileira, deixando de ser o largo, terreiro, e o adro da igreja, assim como também deixa de exercer a função de mercado que passou para os comércios e as demonstrações militares que passaram para as avenidas, tornando-as em um espaço de passeio, lazer, contemplação e convivência, diferentemente das praças coloniais, que eram espaços de manifestações dos hábitos e costumes da população, tanto da elite quanto dos pobres, “Era ali que a população da cidade colonial manifestava sua territorialidade, os fiéis demonstravam sua fé, os poderosos, seu poder, e os pobres sua pobreza” (ROBBA; MACEDO, 2003, p. 22).

Logo, é perceptível a evolução das tipologias de praças, a sua usabilidade e a sua importância em uma cidade. Para melhor exemplificar, o quadro a seguir irá mostrar essa evolução dos usos e a sua função social ao longo do processo de evolução do período colonial ao período contemporâneo.

FUNÇÃO SOCIAL DAS PRAÇAS			
PERÍODO COLONIAL	PERÍODO ECLÉTICO	PERÍODO MODERNO	PERÍODO CONTEMPORÂNEO
Convívio social	Convívio social	Convívio social	Convívio Social
Uso religioso	Contemplação	Contemplação	Contemplação
Uso militar	Passeio	Recreação	Serviços
Comércio e feiras	Cenário	Cenário	Cenário
Circulação		Lazer esportivo	Circulação
Recreação		Lazer cultural	Recreação
			Comércio
			Lazer esportivo
			Lazer cultural

Fonte: Adaptado de Robba e Macedo (2003).

As praças são um dos elementos mais importantes na paisagem urbana pelo seu imenso valor simbólico, histórico e cultural, além dos seus valores ambientais e funcionais, tornando-se referência identitária da cidade ou do bairro (ROBBA; MACEDO, 2003).

Sendo assim, Machado (1993) diz que:

> As praças são então, de grande importância nos centros urbanos, pois através delas o homem entra em contato com a natureza, melhora a saúde física e mental, aliviando sua tensão, muito freqüente entre os cidadãos que passam a maior parte do tempo fechados em escritórios, fábricas ou apartamentos (MACHADO, 1993, p.19).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A proposta de revitalização baseou-se em uma metodologia de natureza aplicada, buscando requalificar a praça 5º BEC, tendo como base todos os levantamentos e pesquisas realizadas em TCC 1, intitulado como Lugares e não lugares: Uma análise voltada a praça 5° BEC em Vilhena/RO.

A abordagem desta metodologia é qualitativa de cunho exploratório e descritivo, baseado na revisão do autor (GIL, 2022).

O desenvolvimento metodológico para esta etapa partiu da revisão bibliográfica de livros, artigos e dissertações, por meio físico e digital, de forma a ampliar o escopo do trabalho e as referências utilizadas em TCC 1. Foi produzido material escrito de forma a compreender as tipologias de praças, em especial, acerca de uma contextualização nacional de praças, para fundamentar e justificar a revitalização da praça em questão, de forma a não se perder de vista funções demandadas pela população nos dias atuais.

Além disso, para a elaboração da proposta de revitalização fez-se necessário o estudo do Art. 139 e Art. 140 das leis orgânicas de 1990 do município de Vilhena, assim como também o guia de arborização elaborado pela SEMMA (Secretaria Municipal do Meio Ambiente) e a Lei Municipal nº 304 de 11 de maio de 2022 para que o projeta seja adequado de acordo com as leis e regulamentações do município de Vilhena/RO.

Para o desenvolvimento projetual foram necessários o estudos e elaboração de mapas relacionados ao estudo da hierarquia de vias, estudos de insolação e ventilação e a produção de organograma e fluxograma para a tomada de decisões projetuais, na qual foram desenvolvidos através do Google Maps e Canva.

E por fim, o desenvolvimento do projeto conceitual através de softwares desenvolvidos para a modulação de maquete eletrônica como o Sketchup e de renderizações 3ds como o Lumion.

4. PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO

4.1 SOBRE A PRAÇA

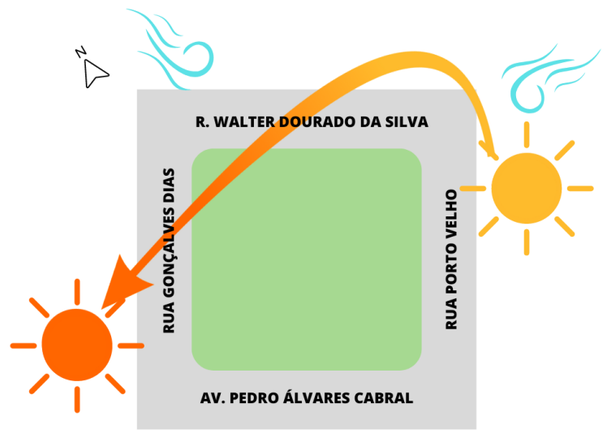
A praça 5°BEC é uma das primeiras praças da cidade de Vilhena, que leva o nome do bairro que ela está inserida, na qual também é um dos bairros mais antigos da cidade. 5° BEC é uma homenagem ao quinto batalhão de engenharia e construção, instalado na cidade na década de 1960, para a construção e conservação de estradas e do traçado urbano.

Atualmente, a praça se encontra em situação de insalubridade como aponta as pesquisas realizadas na primeira etapa da disciplina de trabalho de conclusão de curso intitulado como Lugares e não lugares: Uma análise voltada a praça 5° BEC em Vilhena/RO, onde mostra os motivos pelas quais a população vilhenense a deixa de vivenciar o espaço e a utiliza apenas como um espaço de transição, pois a sua infraestrutura apresenta riscos às pessoas que utilizá-la, principalmente quando se trata de idosos e pessoas que possuem limitações motoras e visuais.

Os riscos identificados na praça se tratam de paginação de piso totalmente danificada, apresentando aclives, declives e buracos, impossibilitando uma locomoção tranquila e segura, assim como também os mobiliários urbanos presentes no recinto, que em sua maioria estão depredados. Outro ponto muito importante a ser citado é a iluminação precária, o que causa o sentimento de insegurança e vulnerabilidade ao utilizar a praça em horários noturnos, além de que hoje a praça 5°BEC não atende a 50% de 9 de 12 critérios que determinam um bom espaço público baseados em Gehl e Svarre (2018).

Dessa forma, a maneira encontrada para solucionar os problemas em questão, foi a criação de um projeto conceitual como proposta de revitalização da praça, que para isso, fez-se necessário o estudo das condicionantes do local, como o estudo de ventilação e insolação e o estudo da hierarquia das vias que a circundam para a tomada de decisões projetuais. Com base no levantamento local pode-se observar que a face da praça voltada a rua Walter Dourado é a face que recebe maior insolação e as faces voltadas a rua Walter Dourado e e rua Porto Velho são as que recebem maior ventilação, pois em Vilhena a ventilação predominante é Norte e Leste, como mosta a imagem a seguir:

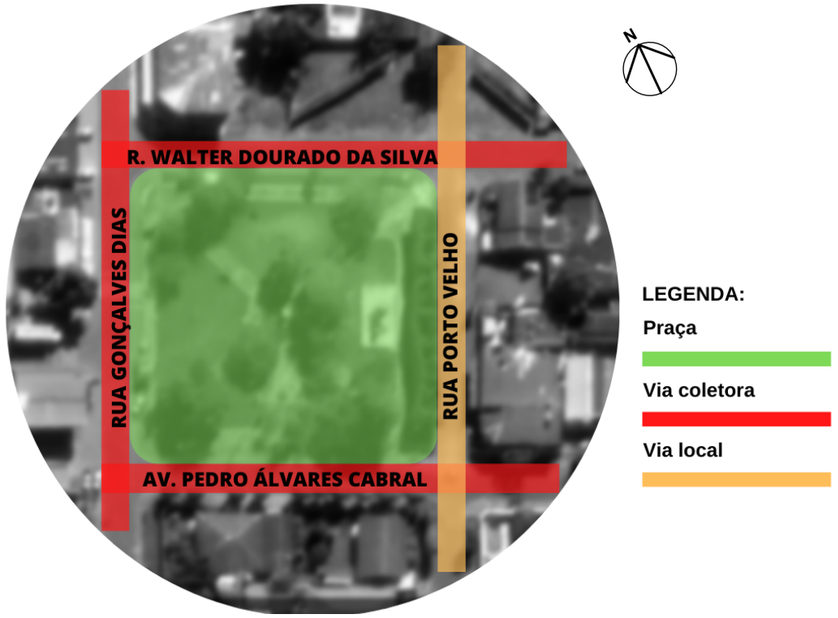
ANÁLISE DE INSOLAÇÃO E VENTILAÇÃO:



Fonte: Autor (2022)

Outro ponto identificado no levantamento é sobre a hierarquia das vias, que, como mostra a imagem a seguir, o terreno da praça está locado entre três vias coletoras e uma via local.

HIERARQUIA DAS VIAS:

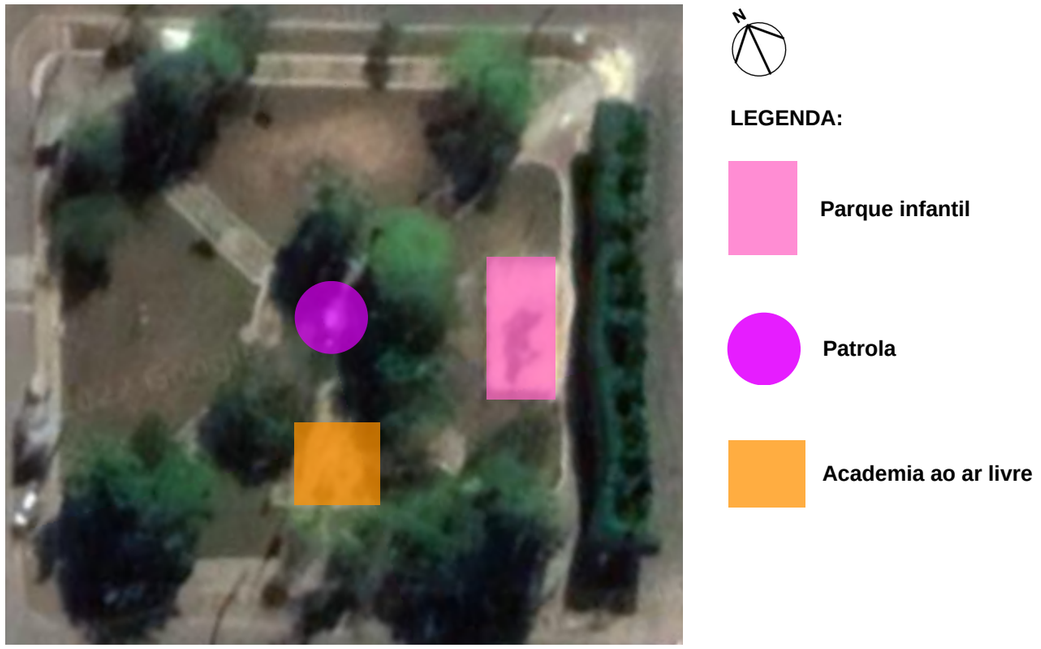


Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor, 2022)

Essas informações apontadas acima são fundamentais, pois com elas é possivel identificar em quais pontos será possivel ter maior aproveitamento da insolação e da ventilação natural, assim como também analisar em quais faces do terreno será mais seguro para a implantação de determinadas atividades, e a partir daí encontrar as melhores soluções para efetuar um projeto seguro e eficaz.

Hoje as atividades encontradas na praça são apenas o parque infantil, a academia ao ar livre e os canteiros gramados além da patrola como elemento central da paisagem, contudo, apesar das limitações de atividades existentes, o espaço não possui atrativos que convide as pessoas a adentrarem a praça e desfrutar do espaço, por conta da sua infraestrutura precária e do alto índice de insolação em seu interior, levando em conta que as árvores existentes estão plantadas em lugares não entratégicos, sombreando apenas alguns pontos onde não há mobiliários para os usuários sentarem. A imagem a seguir mostra como é a configuração da praça atualmente:

VISTA AÉREA DA PRAÇA 5° BEC ATUALMENTE:



Fonte: Google Maps (adaptado pelo autor, 2022)

Logo é perceptível a grande extensão de áreas verdes existentes na praça sem sombreamento, desse modo, foi necessário verificar *in loco* a quantidade de árvores e quais as espécies plantadas no local, na intenção de averiguar a possibilidade de utilizá-las na proposta projetual através da técnica de remanejo.

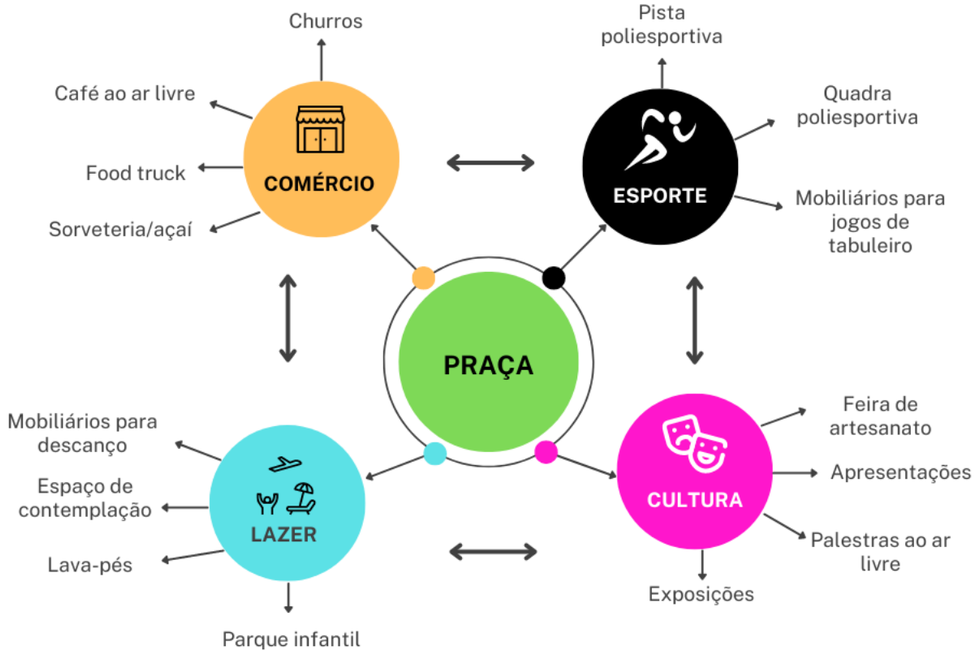
Contudo, idenficou-se a existência de um total de trinta e nove árvores, sendo elas sete ipês roxos (*Handroanthus impetiginosus),* vinte e uma sibipiruna (*Caesalpinia pluviosa*), oito ficus (*Ficus benjamina*) e três árvores de espécie não identificada, pois estavam em estado de decomposição, porém, dessas trinta e nove árvores apenas vinte e oito poderão ser utilizadas, pois ás árvores da espécie *Ficus benjamina*, são comumente conhecidas por destruirem casas, muros e calçadas, por conta de suas grandes raízes, o que justifica a paginação atual da praça estar em estado de depredação, e então dessa forma é necessário a remoção dessa espécie para que não haja problemas futuros.

4.2 SOBRE O PROJETO

O conceito do projeto de revitalização da praça do 5°BEC baseia-se no significado de avivamento, com o intuito de retomar e tornar mais vivo a história, a cultura, e intensificar a vida dentro desse ambiente urbano através da implementação de comércios, áreas de esporte e lazer, trazendo-o de volta ao conceito de lugares de Augé (2012) e devolvendo para a população vilhenense um digno espaço de lazer capaz de promover o vínculo comunitário e social, assim como também vivificar o sentimento de pertencimento dos usuários com a praça a partir da implementação do simbolismo regional, expressado através da utilização de formas e materiais que remetem ao início da formação da cidade.

Desse modo, para atingir os objetivos do conceito, foram implementados soluções que sanassem as necessidades da população analisadas em TCC I. Para isso. fez-se necessário a elaboração de um organograma a fim setorizar e organizar o espaço, para que haja uma melhor distribuição das atividades, com o intuito de intensificar os usos aos quatros cantos da praça como mostra a imagem a seguir:

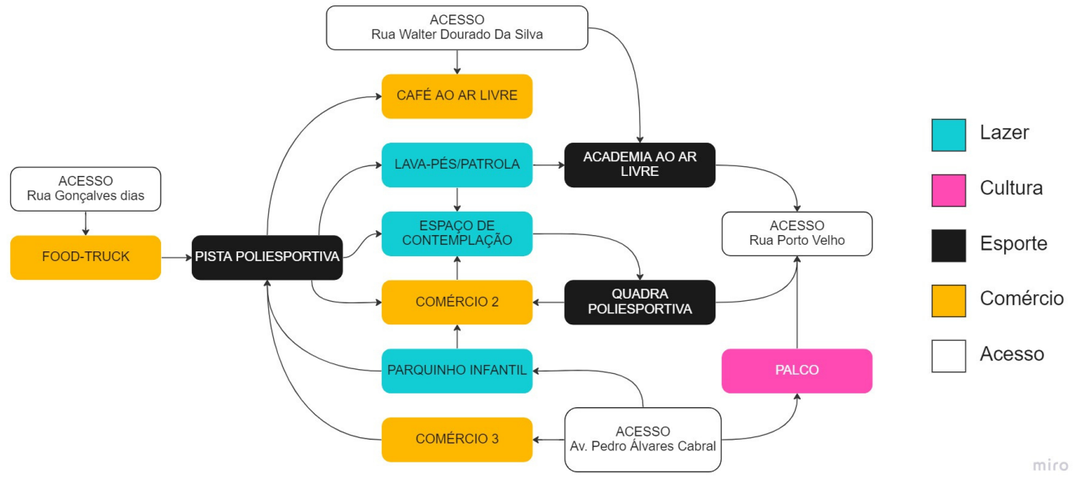
ORGANOGRAMA



Fonte: Autor (2022)

Para melhor exemplificar, o diagrama abaixo mostra como será dado esse fluxo da praça utilizando dos quatros pontos chaves para a proposta de revitalização que é o comércio o esporte o lazer e a cultura, locando-os em pontos estratégicos para que haja essa movimentação em todo o âmbito da praça.

FLUXOGRAMA



Fonte: Autor (2022)

A escolha desses quatro tipos de usos foi dado a partir do estudo sobre o conceito de paças onde mostra que as praças contemporâneas poussui uma função social capaz de abranger várias funções em seu interior, como o convívio social, a contemplação, serviços, cenário, circulação, recreação, comércio, lazer esportivo e cultural como aponta Robba e Macedo (2003).

Dessa forma, ao traduzir todas essas funções dentro de um projeto é notório o aumento da capacidade que ele tem em abranger mais pessoas, logo, tornando-o em um lugar único, resgatando a interação entre todas as pessoas e fomentando então o fortalecimento de vínculo comunitário e social.

Sendo assim, o projeto conceitual de revitalização da praça do 5° BEC possui os mesmos conceitos das praças contemporâneas, assim como também as características das praças ajardinadas, resultando em um amplo espaço multifuincional.

SETORIZAÇÃO



Fonte: Autor (2022)

A definição da setorização foi dada a partir do estudo de hierarquia de vias, com o intuito de garantir a segurança das pessoas ao exercerem as atividades estabelecidas na praça, como no caso da quadra poliesportiva e da academia ao ar livre, que foram locadas nos espaços que fazem frente as ruas de menor fluxo de veículos, por se tratar de espaços utilizados por crianças e idosos, além da utilização de objetos como a bola, que caso ela seja arremessada fora da quadra, os riscos ao buscá-la serão reduzidos.

E então após a locação dessas duas áreas é que foi definido o restante da setorização.

As áreas comerciais foram dispostas em locais que hoje não estão sendo utilizados, a fim movimentar a circulação de pessoas dentro de toda a praça.

Os espaços de lazer e as áreas de expressões culturais, foram locado em espaços capazes de efetuar a ligação entre o comércio e o esporte, na intenção de fazer com que de alguma meneira todos os espaços estejam conectados.

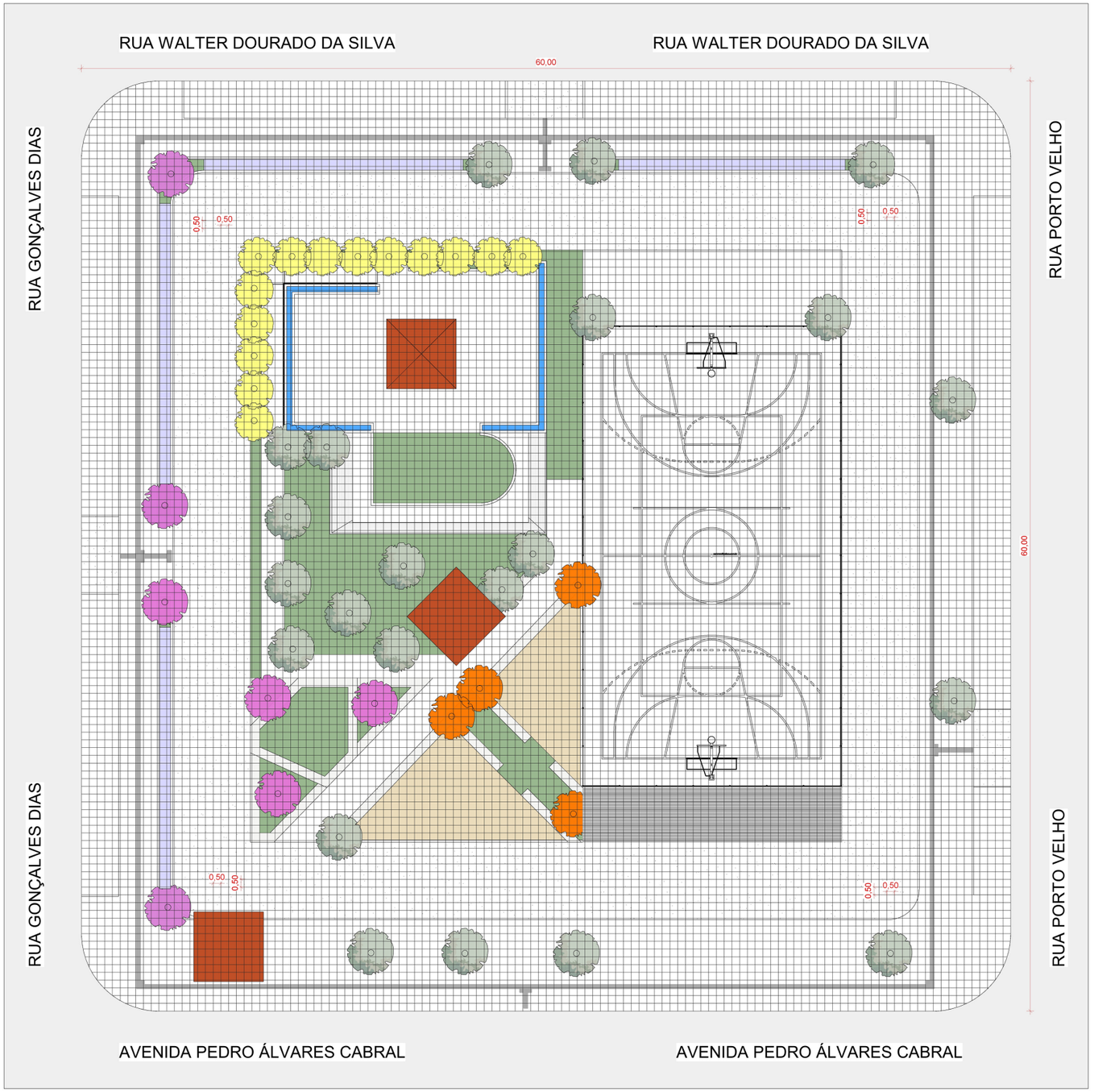
E por fim a locação da pista poliesportiva, que circunda toda a praça, proporcianando um amplo espaço para a atividades físicas como a caminhada, o andar de bicicleta e patins, permitindo a permeabilidade visual de toda a praça. Todos os espaços foram pensados de acordo com o programa de necessidades abaixo:

Programa de necessidades

QUANT.	AMBIENTE	ÁREA (m²)
ESPORTE		
1	Quadra poliesportiva	860,58
1	Pista poliesportiva	498,07
1	Academia ao ar livre	82,86
QUANT.	AMBIENTE	ÁREA (m²)
CULTURA		
1	Monumento	153,46
1	Palco	59,98
1	Lava pés e marco	151,40
QUANT.	AMBIENTE	ÁREA (m²)
LAZER		
1	Parquinho Infantil	140,00
1	Espaço de contemplação	130,26
QUANT.	AMBIENTE	ÁREA (m²)
COMÉRCIO		
1	Espaço para food truck	96,48
1	Café ao ar livre	150,32
2	Quiosques	12,25

Fonte: Autor (2022)

PLANTA DE ACESSIBILIDADE E PAISAGISMO



Fonte: Autor (2022)

Atualmente a praça do 5°BEC não possui nenhum método que garante a acessibilidade da praça, sendo assim para a proposta de revitalização foi pensado na locação de piso tátil em todo o redor da praça, assim como também a construção de faixas elevadas em todos os acessos da praça de forma a garantir a segurança dos usuários. Para o paisagismo da praça será feito de maneira sustentável e consciente, onde será utilizado a maioria da própria vegetação já existente através do remanejo das árvores, levando em consideração o guia de arborização elaborado pelo SEMMA (Secretaria Municipal do Meio Ambiente).

Sendo assim, será utilizado árvores e vegetações baixas para a composição do paisagismo, que serão plantadas e replantadas de acordo com a malha de locação cotada em 0,5x0,5m a partir das definições do quadro abaixo:

QUADRO DE VEGETAÇÃO

COR	QTD	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO
	21	Sibipiruna	*Caesalpinia pluviosa*
	07	Ipê-roxo	*Handroanthus impetiginosus*
	04	Jabuticabeira	*Myrciaria cauliflora*
	37	Eucalipito	*Eucalyptus*
	60 m²	Capim do texas	*Pennisetum setaceum rubrum*
	15 m²	Lírio amarelo	Hemerocalys Flava

Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

FACHADA R. WALTER DOURADO



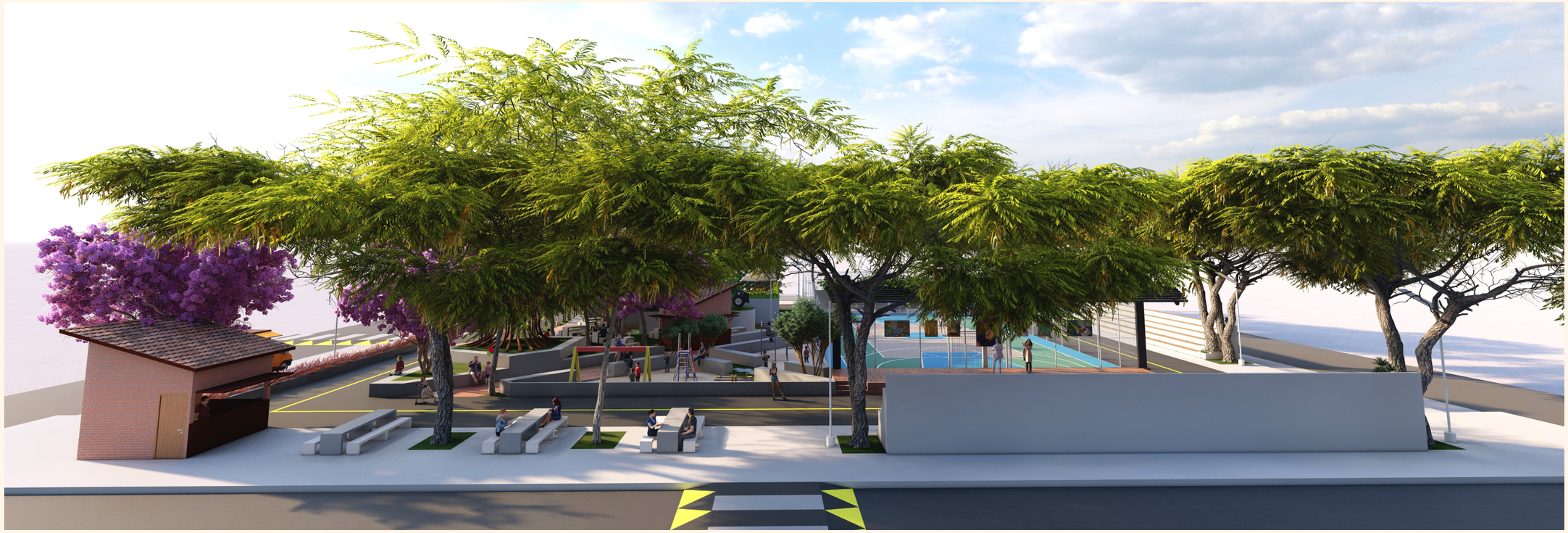
Fonte: Autor (2022)

FACHADA R. GONÇALVES DIAS

FACHADAS

As fachadas da praça foram pensadas de uma maneira a priorizar o seu interior, utilizando da estratégia de deixar a visibilidade dos acessos das áreas de maiores usos (como quadra e comércio) voltados apenas para a área interna com o intuito de forçar a movimentação no interior da praça.

Dessa forma o paisagismo das fachadas voltadas a rua Walter Dourado e Gonçalves Dias também foram pensadas de forma estratégica, pois elas são as fachadas de maior visibilidade, e com isso utilizou-se da estratégia do fechamento visual de parte da praça com a utilização do eucalipito, para instigar a curiosidade nos transeuntes e logo fazer com que queiram adentrar a praça.



FACHADA AV. PEDRO ÁLVARES CABRAL

Fonte: Autor (2022)



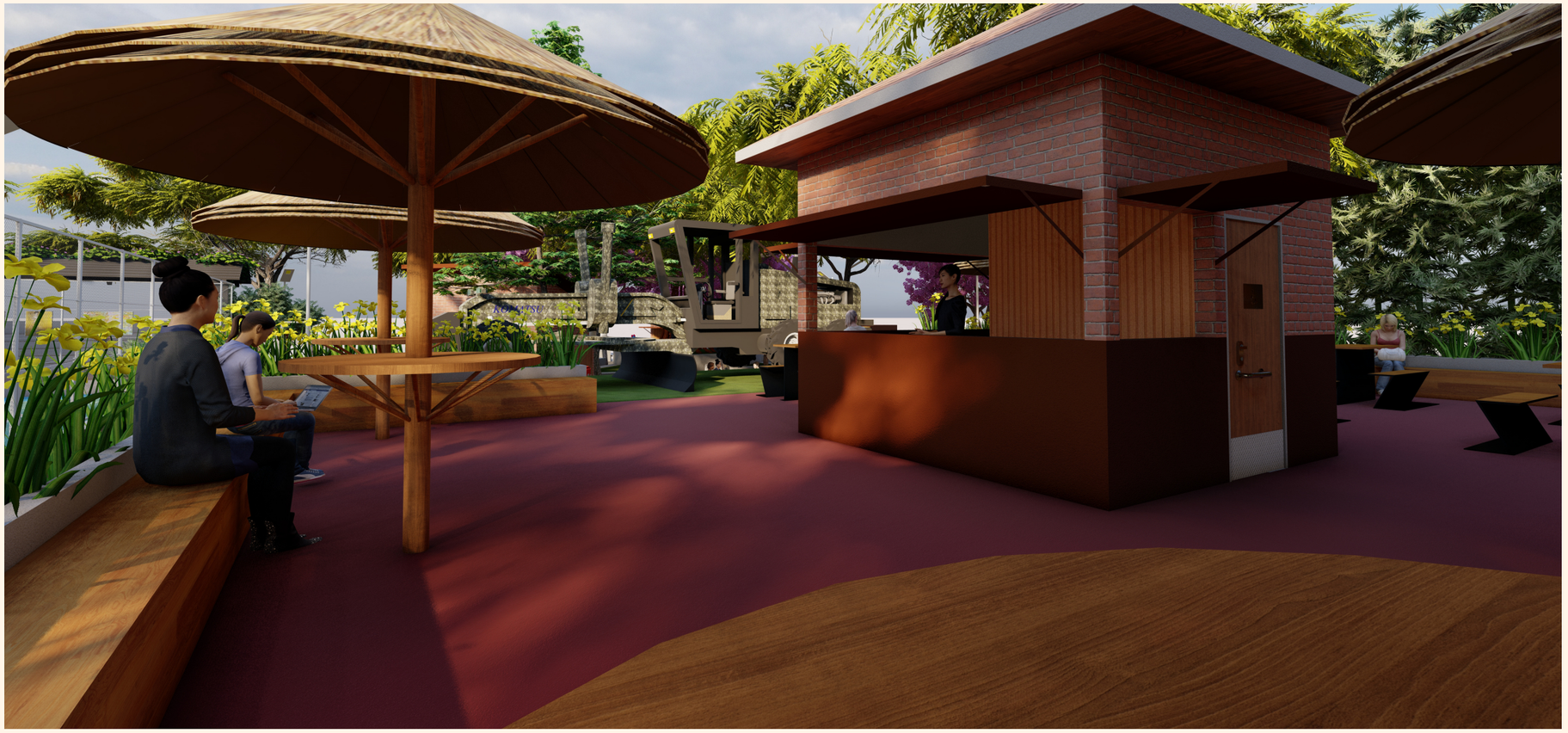
FACHADA RUA PORTO VELHO

Fonte: Autor (2022)

CAFÉ AO AR LIVRE



Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

O café ao ar livre foi elaborado com o intuito de trazer o simbolismo da construção regional, trazendo elementos como a construção do quiosque em tijolo a vista e cobertura de quatro águas em telhas de barro, assim como também os revestimentos internos em madeira e pintura externa marrom, o piso em cimento queimado vermelho, muito utilizado nas construções antigas da cidade, os ombrelenes com cobertura de piaçava fazendo uma releitura as vassouras de piaçava e a utilização do piso cimentício madeira para o revestimento dos assentos.

O café ao ar livre está elevado a 1.5m para utilizar da patrola como composição decorativa do ambiente.



Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

COMÉRCIO 2



Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

O comércio dois e três possui quase a mesma característica que o quiosque do café ao ar livre, ou seja ambos contém as mesmas metragens de 3,5x3,5m com um banheiro interno (PCD) de 1,8x,1,8m, acessível aos usuários da praça, contudo a única diferença é em relação ao tipo de cobertura. pois o comércio dois (aasim como o três) possui a cobertura de apenas uma água dando um ar mais moderno para o ambiente.

A escolha da locação do comércio dois foi pensado para fazer composição do espaço de contemplação, no caso a área verde com bancos e mesas em concreto e o lava pés, para que as pessoas possam desfrutar da parte comercial e natural ao mesmo tempo, assim como também a sua outra face que converge com os caminhos internos da praça feitos em revestimento cerâmico lajota além de dar a possibilidade de utilizar das muretas alargadas de concreto como espaço para assento.

LAVA PÉS E MARCO



Fonte: Autor (2022)

A patrola é a representação da construção de Vilhena/RO, pois ela foi utilizada na abertura das principais ruas e avenidas da cidade, e hoje ela se encontra como um marco na praça 5° BEC. E para a proposta de revitalização, foi pensado na união da representação da patrola junto ao conceito do lava pés, que é um sistema de água corrente que tem como objetivo alusionar o rio Pires de Sá, que foi de extrema importância para pioneiros da cidade, pois utilizavam da sua água para consumo, banho e lavar roupas.

Aliado a isso, foi pensado em trazer um revestimento roliço em cimento queimado marrom para remeter ao batedor de roupas que eram utilizados no rio pelas lavadeiras. O lava pés é um sistema que remete a um espelho d'água, porém, ele possui um sistema de circulação de água localizado abaixo da patrola. E dessa forma cria-se uma composição da história representada na praça.



Fonte: Autor (2022)

PARQUINHO INFANTIL



Fonte: Autor (2022)

O parquinho infantil foi pensado de maneira estratégica, trazendo-o para o meio da praça, como uma forma de conectar aos outros ambientes internos, de modo a intensificar o uso da praça nessa região, pois o seu acesso é dado apenas pelos caminhos internos. Nessa nova proposta utilizou-de da implantação de mobiliários como a gangorra, o escorregador, o balanço e a gaiola gínica (conhecido como trepa-trepa), a fim de estimular a interação entre as crianças.



Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

PALCO



Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

A cidade de Vilhena carece por um espaço onde possa ser realizados eventos culturais em um ambiente aberto de acesso para todos, pensando nisso, foi desenvolvido um palco de 16m de comprimento por 3m de largura com elevação de 0,54m em revestimento de piso cimentício madeira, para que possa ser desenvolvido apresentações e manifestações culturais ao ar livre, assim como também é possivel utilizá-lo para exposições de artesanatos e pinturas, utilizando da tela metálica da quadra como expositor.

Este espaço conta com uma arquibancada localizada frente ao palco, para que as pessoas possam assistir os eventos culturais ou os jogos que ocorrerem na quadra.

QUADRA, ACADEMIA E PISTA



Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

Baseado na primeira etapa da pesquisa de TCC I, viu-se a necessidade que a população vilhenese tem por um digno espaço para atividades esportivas, pois as pessoas utilizam de espaços que não são apropriados para esse tipo de função, como estacionamentos e a via de trânsito rápido que liga a BR-174 ao aeroporto da cidade, para andar de bicicleta, fazer caminhadas, e andar de patins, logo, a partir da compreensão dessa necessidade, foi trazido um espaço capaz de atender a esses requisitos, como uma pista e uma quadra poliesportiva, e a reformulação da academia ao ar livre.

Todo o espaço da praça conta com uma boa iluminação, dando a possibilidade dos usos em todos os momentos, tanto diuno como noturno, não trazendo o sentimento de insegurança e vulnerabilidade.



Fonte: Autor (2022)



Fonte: Autor (2022)

MONUMENTO



Fonte: Autor (2022)



Feito em estrutura metálica revestida em textura de madeira, o monumento idealizado para a praça, foi inspirado no conceito de raízes e ancestralidade, que simbolizam os laços e os afetos que se criam e se enraizam nas pessoas, gerando o sentimento de pertencimento a essa cidade.

Fonte: Autor (2022)

5. REAVALIAÇÃO DOS 12 CRITÉRIOS QUE DETERMINAM UM BOM ESPAÇO PÚBLICO



Ao finalizar as análises de TCC I, identificou-se que a praça do 5° BEC não se enquadrava como um bom espaço publico, baseado nos critérios de análises de Gehl e Svarre (2018), resultando então na necessidade de uma proposta de revitalização, para que a praça volte a ser um espaço considerado pela população vilhenense, logo, devolvendo a ela o seu caráter de "lugar" baseado em Augé (2012).

Dessa forma, com a segunda etapa de pesquisa, fez-se o levantamento sobre o conceito de praças, com o intuito de realizar uma ideação de uma proposta de revitalização conceitual para a praça 5°BEC considerando todos os 12 (doze) critérios que determinam um bom espaço público para a possibilidade de reavaliá-lo ao final da segunda etapada de TCC.

Sendo assim a partir da proposta conceitual de revitalização já apresentada, utilizou-se da mesma tabela que representa de forma avaliativa os resultados das análises baseados nos critérios de Jan Gehl e Birgitte Svarre (2018), avaliando-os na escala de 1 (um) a 5 (cinco) utilizado em TCC I para reavaliar as condições da praça a partir da revitalização como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1:

CRITÉRIOS PARA DETERMINAR UM BOM ESPAÇO PÚBLICO (GEHL; SVARRE, 2018)					
ANÁLISE (PRAÇA 5º BEC)	1	2	3	4	5
1. Proteção conta o tráfego					
2. Segurança nos espaços públicos					
3. Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis					
4.Espaços para caminhar					
5. Espaços de permanência					
6. Ter onde sentar					
7. Possibilidade de observar					
8. Oportunidade de conversar					

CRITÉRIOS PARA DETERMINAR UM BOM ESPAÇO PÚBLICO (GEHL; SVARRE, 2018)					
ANÁLISE (PRAÇA 5º BEC)	1	2	3	4	5
9. Locais para se exercitar					
10. Escala humana					
11. Possibilidade de aproveitar o clima					
12. Boa experiência sensorial					

Fonte: Autor (2022)

Diante aos dados apresentados, obteve-se os resultados que aponta que a ideação da proposta conceitual de revitalização mudou completamente da primeira avaliação da praça do 5° BEC apresentada na primeira etapa de TCC, mostrando então que o projeto desenvolvido tem a capacidade devolver a população vilhenense um bom espaço público, capaz sanar a carência que a cidade tem por um digno espaço de lazer, que abrange a cultura e a história da cidade, atendendo com êxito os 12 (doze) critérios que determinam um bom espaço público de Gehl e Svarre (2018).



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS



CONSIDERAÇÕES PARA O FUTURO

A partir da ideação da proposta conceitual de revitalização da praça do 5° BEC, foi possível compreender mais a fundo o quão necessário é revitalizá-lo, pois nesse projeto viu-se a capacidade que ele tem em mudar completamente o cenário em que a praça está inserida, devolvendo então a ela a sua posição de "lugar" exemplificado por Augé (2012), e tornando-se um bom espaço público como determina Gehl e Svarre (2018), sanando a carência da população vilhenense por um lugar capaz de atender as atividades de esporte, cultura e lazer, traduzidos em um único espaço, e fomentando então o sentimento de pertencimento das pessoas para com a praça, assim como também o fortalecimento de vínculo comunitário e social.

Dessa forma, compreende-se então que o objetivo do projeto foi alcançado, obtendo êxito na reavaliação dos critérios de Gehl e Svarre (2018), além dos cumprir os objetivos idealizado na primeira etapa.

Sendo assim, é notório que essa pesquisa e esse projeto conceitual dá abertura para a sua continuação em trabalhos futuros, abrindo possibilidades para a elaboração de mais pesquisas mais aprofundadas não apenas no espaço em questão, mas assim como também nas outras praças da cidade, além possibilidade da elaboração do anteprojeto para que possa ser apresentado na Prefeitura Municipal de Vilhena, dando margem a sua execução.

Contudo, é válido ressaltar também a necessidade da elaboração de parâmetros que asseguram a integridade das praças da cidade, pois no município de Vilhena não há critérios como no código de obras e na legislação que abordam sobre paginação, recuos, taxa de permeabilidade, taxa de ocupação, acessibilidade, tipologias de edificações no espaço, mobiliários e iluminação por exemplo, que seja específicos sobre praças, aliado a isso, é de extrema importância também fiscalizar e repassar os cuidados da praça para aos órgãos que tenham autonomia para isso, o que no caso de Vilhena está sob responsabilidade da Secretária Municipal do Esporte, o que contribui para que as praças da cidade se encontrem na situação atual de depredação e abandono.

REFERÊNCIAS

ALEX, Sun. Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público. 2. ed.São Paulo: Senac São Paulo, 2011. 292 p.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9 ed. Campinas: Papirus, 2012. 112 p.

BERTULUCI, Gabriela de Oliveira. ESPAÇOS LIVRES E URBANIDADE: Análise dos aspectos da praça como geradores de qualidade socioespacial urbana. 2019. 181 p. Dissertação (mestrado em arquitetura e urbanismo) - Universidade federal de Uberlândia. Minas Gerais, Uberlândia, 2019.

CANDIDO, Daniela Karina. As praças e a parceria público-privada em Natal/RN. 2008. 138 p. Dissertação (mestrado em geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. . Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/18879/1/DanielaKCpdf.pdf. Acesso em 15 out 2022

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. A vida na cidade: como estudar. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018. 184 p.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 7.ed. Barueri: Atlas, 2022.

LOPES, Leticia Maria Duarte. Requalificação do espaço público: Critérios para a avaliação da qualidade do espaço público. 2016. 126 p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo sustentável e Ordenamento do território) - Faculdade de ciências sociais e humanas de Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: https://run.unl.pt/handle/10362/19733. Acesso em: 01 jun. 2022.

LOURENÇO, Maria Marta Fernandes. Arquitectura Sensorial: O tacto para a fruição do espaço arquitectónico. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/36951 . Acesso em: 14 jun. 2022

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos. Porto Alegre, Bookman, 2011. 76 p.

TUAN, Yi Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VILHENA. Prefeitura Municipal de Vilhena (org.). Lei orgânica do município de Vilhena-RO. Texto constitucional de 28 de março de 1990. 1990.

VILHENA. Lei complementar municipal nº 050/2001. Institui o código de posturas do município de Vilhena/RO e dá outras providências. 2001.

VILHENA. Lei complementar municipal nº 120/2007. Dispõe acerca do parcelamento do solo. 2007.

VILHENA. Lei nº 304/2022. Institui o Código de Obras e Edificações do Município de Vilhena, E dá Outras Providências. Vilhena: Câmara Municipal, 2022.

VILHENA. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Guia de arborização do município de Vilhena. Vilhena, 2019.

